



UNIFAP
Universidade Federal do Amapá



LIBRAS

**Língua
Brasileira
de Sinais**



Gabriel Lélis

SUMÁRIO

O que é Libras? Língua de sinais?	03
Historia dos surdos no Brasil e Mundo	05
Legislação e Educação de Surdos	09
Nomenclatura: Deficiente auditiva, Surdo-Mudo, Surdo	13
Para facilitar a comunicação com pessoa surda	16
Filosofias educacionais para surdos	17
Cultura surda e identidade	23
O Papel do intérprete de Libras	26
Sistema de transcrição da Libras	28
Parâmetros de Libras	33
Diferença básica entre português e Libras	36
Datilologia	37
Alfabeto Manual e Numérico	38
Cumprimento (Sinais Básicos)	39
Calendário	40
Famílias	43
Cores	45
Frutas/Alimentos/Bebidas	46
Animais	51
Natureza	56
Meios de Transporte	58
Profissões	59
Verbos	61
Referências	66

O que é Libras? Língua de sinais?

As Línguas de Sinais (LS) são as línguas naturais das comunidades surdas. Ao contrário do que muitos imaginam as Línguas de Sinais não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias. Atribui-se às Línguas de Sinais o status de língua porque elas também são compostas pelos níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico.

Possui todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua e demanda de prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística.

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas são denominados sinais nas línguas de sinais. O que diferencia as Línguas de Sinais das demais línguas é a sua modalidade visual-espacial. Assim, uma pessoa que entra em contato com uma Língua de Sinais irá aprender uma outra língua, como o Francês, Inglês etc. Os seus usuários podem discutir filosofia ou política e até mesmo produzir poemas e peças teatrais.

LIBRAS, ou Língua Brasileira de Sinais, é a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com essa comunidade.

Pesquisas com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da Língua de Sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral como Segunda língua para os surdos. Os estudos em indivíduos surdos demonstram que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à língua oral, ou seja, que esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas.

A Língua de Sinais apresenta, por ser uma língua, um período crítico precoce para sua aquisição, considerando-se que a forma de comunicação natural é aquela para a qual o sujeito está mais bem preparado, levando-se em conta a noção de conforto estabelecido diante de qualquer tipo de aquisição na tenra idade.

“É impossível para aqueles que não conhecem a língua de sinais perceberem sua importância para os surdos, sua enorme influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição e sua maravilhosa

capacidade de levar o pensamento a intelectos que de outra forma ficariam em perpétua escuridão. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso de sinais.” (J. Schuylerhong)

Informações técnicas

A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) tem sua origem na Língua de Sinais Francesa.

As Línguas de Sinais não são universais. Cada país possui a sua própria língua de sinais, que sofre as influências da cultura nacional. Como qualquer outra língua, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua.

Historia dos surdos no Brasil e Mundo

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é de origem francesa.

A Língua de Sinais não é universal e cada país possui a sua própria língua, que sofre as influências da cultura nacional.

Como qualquer outra língua, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua.

Fundamentos Históricos

A história dos Surdos registra os acontecimentos históricos, como grupo que possui uma língua, uma identidade e uma cultura.

Ao longo das eras, os Surdos travaram grandes batalhas pela afirmação da sua identidade, de sua comunidade, da sua língua e da sua cultura, até alcançarem o reconhecimento que têm hoje, na era moderna.

Até a Idade Média

- No Egito

Os Surdos eram adorados, como se fossem deuses, serviam de mediadores entre os deuses e os Faraós, sendo temidos e respeitados pela população.

- China

Os chineses lançavam os surdos ao mar para não deixar marcas ou chances de se reproduzirem.

- Gália

Os gauleses sacrificavam os surdos para o deus **Teutates**¹ a fim de receber bens.

- Esparta

Os surdos eram lançados do alto dos rochedos para não terem como sobreviver. Historiadores dizem que, após a morte, os surdos eram entregues às águias e aos leões.

¹“pai do povo”, “deus tribo”. Teutates está associado às guerras, mas aparece muitas vezes como um Deus da fertilidade e abundância. Era considerado o Reio do Mundo. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teutates>.

- Grécia

Os Surdos eram encarados como seres incompetentes. Aristóteles, ensinava que os que nasciam surdos, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar.

- Os Romanos

Influenciados pelo povo grego, tinham ideias semelhantes acerca dos Surdos, vendo-os como seres imperfeitos, sem direito a pertencer à sociedade. Era comum lançar as crianças surdas (especialmente as pobres) ao rio Tibre.

- Turquia

Em Constantinopla (hoje Istambul), os Surdos realizavam algumas tarefas, tais como o serviço de corte, como pajens das mulheres, ou como bobos, de entretenimento do sultão.

- Igreja Católica

Santo Agostinho defendia a ideia de que os pais de filhos Surdos estavam a pagar por algum pecado que haviam cometido. Acreditava que os Surdos podiam comunicar por meio de gestos, que, em equivalência à fala, eram aceitos quanto à salvação da alma. A Igreja cria que os Surdos, diferentemente dos ouvintes, não possuíam uma alma imortal, uma vez que eram incapazes de proferir os sacramentos.

Curiosidade

John Beverley, em 700 d.C., ensinou um Surdo a falar, pela primeira vez (em que há registro). Por essa razão, ele foi considerado por muitos como o primeiro educador de surdos.

Fim da Idade Média e início do Renascimento

Época em que saiu da perspectiva religiosa para a perspectiva da razão, em que a deficiência passa a ser analisada sob a ótica médica e científica.

Idade Moderna

Distinguiu, pela primeira vez, surdez de mudez. A expressão surdo-mudo deixou de ser a cognome do Surdo.

- França

Em 1712, foi criada a primeira escola de Surdos do mundo: o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris. O Surdo foi reconhecido como ser humano e a partir deste momento viram que ensinar ao surdo a falar seria perda de tempo, que o ensino principal deveria ser a língua gestual.

Jean Massieu foi um dos primeiros professores surdos do mundo.

Idade Contemporânea até os dias de Hoje

- Estados Unidos

Thomas Hopkins Gallaudet, americano, e ducador ouvinte, abriu uma escola para surdos em Abril de 1817, a Escola de Hartford. Gallaudet instituiu nessa escola a Língua Gestual Americana. Ele usou, também, o inglês escrito e o alfabeto manual. Em 1830, já existiam nos Estados Unidos cerca de 30 escolas para surdos.

- Alemanha

Em 1880 nasce Hellen Keller, na Alemanha. Hellen ficou cega e surda aos 19 meses de idade, por causa de uma doença. Aos 7 anos Hellen havia criado cerca de 60 gestos (sinais) para se comunicar com os familiares. Hellen descreveu que a surdez é o mais infortune dos sentidos humanos.

- Itália

Em 1880 aconteceu o Congresso de Milão, que deixou obscura a História dos surdos. Um grupo de ouvintes tomou a decisão de excluir a língua gestual do ensino de surdos, substituindo-a pelo oralismo. Em consequência disso, o oralismo foi a técnica preferida na educação dos surdos durante fins do século XIX e grande parte do século XX.

Uma década depois do Congresso de Milão, acreditava-se que o ensino da língua gestual quase tinha desaparecido das escolas em toda a Europa, e o oralismo espalhava-se para outros continentes.

- Brasil

No período de 1500 a 1855, já existiam muitos surdos aqui no Brasil. Nessa época, a educação era precária, até que, em 1855 HernestHuet, professor francês de surdos veio ao Brasil a convite de D.Pedro II para fundar a primeira escola de meninos surdos, a Imperial Instituto de Surdos – Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Rio de Janeiro.

Desde o século XIX, as escolas tradicionais existentes no método oral mudaram de filosofia e, até hoje, boa parte delas vêm adotando a **comunicação total**².

Em 1988, realizou-se o I Encontro Nacional de Intérpretes deLíngua Brasileira de Sinais, organizado pela FENEIS. Foi a primeiravez que houve um intercâmbio entre Intérpretes do Brasil e aavaliação sobre ética do profissional Intérprete.

Somente em 24 de abril de 2002 foi reconhecida a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial das comunidades surdas no Brasil. Este foi o primeiro e grande passo para o reconhecimento e formação do profissional Intérprete de Libras.

² Expõe a criança à língua oral acompanhada simultaneamente da Língua de Sinais, da escrita e de quaisquer outros meios que se considerem importantes para o seu desenvolvimento.

Legislação e Educação de Surdos

Em seguida, você terá uma lei e um decreto através da qual você deverá adquirir conhecimento.

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

[...]

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que [...], constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, [...] meio de comunicação objetivo e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º [...], garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

[...]

Brasília, 24 de abril de 2002;

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.

Regulamenta a Lei 10.436/02, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098/00.

DECRETA:

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

[...]

CAPÍTULO II

DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

CAPÍTULO III

[...]

Art. 5º § 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

[...]

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular[...]

Parágrafo único. O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas.

Art. 10. As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

[...]

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa e subtítuloção por meio do sistema de legenda oculta, de modo a

reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

[...]

CAPÍTULO IX

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

[...]

Art. 31. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2005;

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Nomenclatura: Deficiente auditiva, Surdo-Mudo e Surdo.

Quanto à pessoa do surdo

Como chamaremos esta pessoa? Como nos referiremos a ela?

§ Surda?

§ Pessoa surda?

§ Deficiente auditiva?

§ Pessoa com deficiência auditiva?

§ Portadora de deficiência auditiva?

§ Pessoa portadora de deficiência auditiva?

§ Portadora de surdez?

§ Pessoa portadora de surdez?

Em primeiro lugar, vamos parar de dizer ou escrever a palavra “portadora” (como substantivo e como adjetivo). A condição de ter uma deficiência faz parte da pessoa e esta pessoa não porta sua deficiência. Ela tem uma deficiência. Tanto o verbo “portar” como o substantivo ou adjetivo “portadora” não se aplicam a uma condição inata ou adquirida que está presente na pessoa.

Uma pessoa só porta algo que ela possa não portar, deliberada ou casualmente. Por exemplo, uma pessoa pode portar um guarda-chuva se houver necessidade e deixá-lo em algum lugar por esquecimento ou por assim decidir. Não se pode fazer isto com uma deficiência, é claro.

Um outro motivo para descartarmos as palavras “portar” e “portadora” decorre da universalização do conhecimento pela internet, processo este que está nos conectando em tempo real com o mundo inteiro. Assim, por exemplo, ficamos sabendo que em todos os lugares do mundo as pessoas com deficiência desejam ser chamadas pelo nome equivalente, em cada idioma, ao termo “pessoas com deficiência”. Exemplos:

§ personswith a disability ou peoplewithdisabilities (em países onde se fala a língua inglesa).

§ personas condiscapacidad (em países de fala espanhola).

§ pessoa com deficiência (No Brasil, em Portugal e em outros países onde se fala a língua portuguesa).

Por extensão, naqueles países fala-se e escreve-se assim:

§ persons with a hearing impairment, persons with deafness, deaf people.

§ personas consordera, personas condiscapacidad auditiva, personas sordas.

§ pessoas com deficiência auditiva, pessoas com surdez, pessoas surdas.

Em outros países não se usa uma palavra equivalente a “portadora de” para se referir à pessoa com deficiência. Já aconteceu em mais de uma ocasião um fato lamentável se não cômico. Brasileiros vertendo para o inglês um texto de palestra, lei ou livro escrito em português, cometeram a seguinte barbaridade:

§ carriers of disabilities.

§ persons carrying a disability.

Entenda-se: “carriers of” e “carrying” seriam a versão inglesa de “portadores de” e “que portam”, respectivamente. Quando os americanos leram o texto assim vertido para o inglês, eles não entenderam por qual motivo as pessoas eram portadoras (carregadoras) de deficiência ou por qual razão elas estavam portando (carregando) uma deficiência.

Resolvido o problema dos termos “portar” e “portadora de”, passemos à deficiência em si. Todos conhecem o fato de que alguns surdos não gostam de ser considerados deficientes auditivos e o fato de que algumas pessoas deficientes auditivas não gostam de ser consideradas surdas. Também existem pessoas surdas ou com deficiência auditiva que são indiferentes quanto a serem consideradas surdas ou deficientes auditivas.

A origem dessa diversidade de preferências está no grau da audição afetada.

No plano pessoal, a decisão quanto a usar o termo “pessoa com deficiência auditiva” ou os termos “pessoa surda” e “surda”, fica por conta de cada pessoa.

Geralmente, pessoas com perda parcial da audição referem-se a si mesmas com tendo uma deficiência auditiva. Já as que têm perda total da audição preferem ser consideradas surdas.

Tecnicamente, considera-se que a deficiência auditiva é a “perda parcial ou total bilateral, de 25 (vinte e cinco) decibéis (db) ou mais, resultante da média aritmética do audiograma, aferida nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz” (art. 3º, Resolução nº 17, de 8/10/03, do Conade – Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência). Esta resolução alterou o art. 4º do Decreto nº 3.298/99, por causa do “inadequado dimensionamento das deficiências auditiva e visual” estabelecido nesse decreto federal. Em 2/12/04, o Decreto nº 5.296, de 2/12/04, alterou o art. 4º do citado Decreto nº 3.298, passando de 25 decibéis para 41 decibéis, obedecendo a Resolução do Conade, conforme segue:

Art. 70. O art. 4º do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 4º (...), II - deficiência auditiva - perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz”.

Para Facilitar A Comunicação Com Pessoa Surda

- A forma mais adequada para estabelecer a comunicação com pessoas surdas é por meio da língua de sinais, sua língua natural, que utiliza o canal gestual-visual, o que facilita a interação. No entanto, quando isso não for possível, há algumas dicas que podem ajudar neste processo:
- Utilize diferentes formas de linguagem – gestos naturais, dramatização, apontações, entre outros;
- Não é necessário gritar ou exagerar na articulação, seja natural;
- Use as expressões faciais para demonstrar dúvidas, questionamento, surpresa entre outros sentimentos e emoções;
- Tenha calma se você não entender o que uma pessoa surda está querendo dizer, se necessário peça a ela para repetir ou escrever;
- Ao abordar uma pessoa surda toque delicadamente seu ombro para ter sua atenção, ou coloque-se dentro do campo visual do surdo e sinalize para chamá-lo, não adianta chamar ou gritar, se ela estiver de costas;
- Fale sempre de frente, pausadamente e, sempre que possível, dê pistas visuais sobre a mensagem (gestos, apontamentos, etc.).

Filosofias educacionais para surdo

Oralismo

O Congresso de Milão, como já relatado nos capítulos anteriores, é o ponto de partida para a recomendação de adotar-se o oralismo como meio mais adequado ao ensino de surdos. Conforme Soares³,

Oralismo ou método oral é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção da linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral.

Essa concepção fundamenta-se na recuperação da pessoa surda, chamada de “deficiente auditivo”, e enfatiza a língua oral em termos terapêuticos. Há uma supervalorização do tipo e do grau de surdez constatados por meio de testes audiométricos e, a partir desses testes, procura-se reeducar a criança surda utilizando a amplificação dos sons juntamente com técnicas específicas de oralização. Os adeptos do oralismo admitem a existência de resíduo auditivo em qualquer tipo de surdez, inclusive na surdez profunda. Para esclarecer, é necessário saber que, em termos médicos, as perdas auditivas podem ser classificadas em: leves (20/40 dB HL), em que não há percepção de alguns fonemas e não se verificam perturbações significativas na linguagem; médias (40/70 dB HL), em que a linguagem falada só é percebida se emitida com forte intensidade (a partir da perda de 50 dB os fonemas do português não são mais percebidos); severas (70/90 dB HL), em que a voz não é percebida e a fala só pode ser desenvolvida com o auxílio de técnicas especializadas; e profundas (acima de 90 dB HL), que quando bilateral e precoce pode ter como consequência a impossibilidade de desenvolver a fala⁴.

Aqui, a linguagem é ensinada por meio de atividades estruturais sistemáticas através de técnicas que são basicamente as seguintes:

O treinamento auditivo: estimulação auditiva para reconhecimento e discriminação de ruídos, sons ambientais e fala; desenvolvimento da fala: exercícios para a mobilidade e tonicidade dos órgãos envolvidos na fonação (lábios, mandíbula, língua etc.); exercícios de respiração e relaxamento (chamados também de mecânica da fala); leitura labial: treino para a

³Soares, 1999, p. 1.

⁴Manrique ;Huarte, 2005.

identificação da palavra falada mediante decodificação dos movimentos orais do emissor⁵. (grifo nosso)

A proposta oralista banuiu o uso de sinais na educação dos surdos e, uma vez que tinha como principal objetivo o desenvolvimento da fala, relegou os conteúdos escolares a um segundo plano. Nela, a educação assumia mais uma conotação clínica do que pedagógica.

Nesse ponto, é importante salientar que pesquisas desenvolvidas em vários países quanto à questão da aquisição da língua oral dão conta de que apesar do investimento de anos de vida de uma criança surda na sua oralização, segundo Quadros⁶, “ela é somente capaz de captar cerca de 20% da mensagem através da leitura labial. Além disso, sua produção oral não é compreendida por pessoas que não convivem com ela, o que em nada contribui para a inclusão social do surdo.” De acordo com grande parte dos teóricos e pesquisadores, o uso do método oral puro trouxe como consequência a deterioração das conquistas educacionais dos sujeitos surdos e do grau de instrução alcançado por eles.

Comunicação Total

A Comunicação Total surgiu na esteira do fracasso da concepção oralista, impulsionada, sobretudo, pela divulgação, a partir da década de 60 do século passado, de estudos sobre as línguas de sinais. O estudo de maior relevância, nessa época, foi o desenvolvido por Stokoe, conforme já comentamos. O linguista americano percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína. Observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos complexos, com uma estrutura interior completa. As obras *Signlanguage structure* (1960) e *Dictionary of American Sign Languages* (1965) foram um marco de transição nos estudos das línguas de sinais, uma vez que, a partir de então, a elas foi atribuído o estatuto de línguas naturais. Segundo Quadros e Karnopp⁷, esses estudos foram decisivos para a reintrodução dos sinais na educação de surdos.

A Comunicação Total é uma proposta flexível no uso de meios de comunicação oral e gestual. Consolida-se mais como filosofia do que como um método de educação.

⁵Brasil, 1997, p. 300.

⁶Quadros, 1997.

⁷Quadros ;Karnopp, 2004.

Fundamenta-se no respeito às diferenças, e em uma maneira própria de entender o surdo como pessoa e não como portador de uma patologia de ordem médica. Enfatiza que as línguas de sinais e as línguas orais são línguas autênticas, equivalentes em níveis de qualidade e importância. Privilegia a comunicação e a interação e não apenas a língua (ou línguas). Defende a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou os códigos manuais, bem como o uso de aparelhos de amplificação sonora, trabalho de desenvolvimento de pistas auditivas e leitura orofacial para facilitar a comunicação com as pessoas surdas.

A partir dessa proposta surgem diferentes métodos e sistemas de comunicação com o objetivo de favorecer a aprendizagem da língua oral. Dorziat⁸ enumera alguns desses métodos: língua falada de sinais (codificada em sinais); língua falada sinalizada exata (variante do sistema anterior do qual se distingue pela reprodução exata da estrutura da língua oral); associação de códigos manuais para auxiliar na discriminação e articulação de sons (configuração de mão perto do rosto, dando apoio à emissão de cada fonema); e combinação diversa de sinais, fala, datilologia, gesto, pantomina.

No Brasil, firmou-se o bimodalismo, método que envolve a combinação das duas modalidades: sinais e fala. Essa metodologia substitui ou complementa os recursos utilizados por métodos exclusivamente orais. Utiliza-se de sinais extraídos da Libras, inseridos na estrutura da língua portuguesa. Segundo Dorziat⁹,

Como não existem na língua de sinais componentes da estrutura frasal do português (preposição, conjunção etc.), são criados sinais para expressá-los. Além disso, utilizam-se marcadores de tempo, de número e de gênero para descrever a língua portuguesa através de sinais. A isto se chama de português sinalizado. Outra estratégia utilizada pela Comunicação Total é o uso de sinais na ordem do português, sem no entanto, usar marcadores, como no português sinalizado. O que existe em ambos os casos é um ajuste da língua de sinais à estrutura da língua portuguesa.

A Comunicação Total, quando mantém moldes bimodalistas, é considerada inadequada por muitos teóricos. Para Quadros e Karnopp¹⁰, por exemplo, o bimodalismo acaba por desconsiderar a riqueza estrutural da língua de sinais, desestruturando também o português. Isso faz com que a intenção de reconhecimento

⁸Dorziat, 2004, p. 4.

⁹Dorziat, 1997, p. 16.

¹⁰Quadros ;Karnopp, 2004.

das línguas de sinais seja eliminada tanto em termos de filosofia como de implementação, pois além de artificializar a comunicação, desconsidera as implicações sociais da surdez. Como a maneira pela qual as pessoas se comunicam é determinada pela comunidade onde estão inseridas, “os sinais ajustados não têm a mesma funcionalidade para os surdos, equivalente à fala para os ouvintes.”¹¹ Para seus críticos, a Comunicação Total serviu mais aos pais e professores ouvintes do que aos alunos surdos. Estes continuaram com defasagens tanto na leitura e na escrita como no conhecimento dos conteúdos escolares.

Bilinguismo

O bilinguismo surgiu como opção pedagógica para a educação de surdos, a partir da constatação de que a simples aceitação dos sinais na escola, ou de que a mescla de língua de sinais e língua oral, não são suficientes para afastar as defasagens educacionais dos alunos surdos. Leva-se também em consideração que a linguagem não tem somente uma função instrumental de comunicação (entendida aqui no seu sentido estrito: o de fazer transitar uma mensagem entre interlocutores), mas é fator primordial no desenvolvimento cognitivo e na criação de uma concepção de mundo. Ou seja, está ligada a aspectos psicossocioculturais, que devem ser considerados nos processos de ensino-aprendizagem.

Para Fernandez¹²: “Educar com bilinguismo é ‘cuidar’ para que através do acesso a duas línguas, se torne possível garantir que os processos naturais de desenvolvimento do indivíduo, nos quais a língua se mostre instrumento indispensável, sejam preservados.” (grifo nosso) De maneira geral, como proposta educacional, o bilinguismo busca oportunizar o acesso a duas línguas pela criança, o mais cedo possível. No caso dos surdos brasileiros, à língua brasileira de sinais e à língua portuguesa. Nesse contexto, a língua de sinais é considerada a primeira língua (L1) e a língua portuguesa segunda língua (L2), ambas respeitadas em sua integridade. Quadros¹³ afirma que “os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua

¹¹Dorziat , 2004, p. 5.

¹²Fernandez , 2004, p. 5.

¹³Quadros , 1997, p. 27.

de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita”.

Além dos aspectos linguísticos, optar por uma proposta de educação bilíngue significa reconhecer que a educação está inserida no meio social e político de uma comunidade. Ou seja, que o surdo possui não só uma língua própria, mas que essa língua constitui uma cultura específica que se traduz de forma visual.

O fazer pedagógico deve ser construído em um contexto não só bilíngue, mas também bicultural:

Uma proposta de educação com bilinguismo exige aceitarmos, em princípio, que o surdo é portador de características culturais próprias. Aceitarmos essa realidade sem preconceitos é o mesmo que aceitarmos que um baiano tem traços culturais diferentes dos de um carioca e, este, diferentes de um catarinense, por exemplo, sem deixarmos, todos de sermos brasileiros, ou, ainda, aceitarmos que japoneses, italianos e alemães, por exemplo, compartilhem de traços culturais pela proximidade ou necessidade social, como vemos no Brasil em relação os bairros ou colônias de imigrantes. Esta situação nos aproxima das características culturais da comunidade de surdos. Não se trata de buscar semelhanças com a condição ou status de estrangeiro ao surdo e ao ouvinte, mas percebermos o esforço de compreensão, participação e transformações das expressões culturais presentes nas duas comunidades.¹⁴

A educação bilíngue para surdos, portanto, passa pelo “reconhecimento político da surdez como diferença”¹⁵. Por se tratar de um bilinguismo *suigeneris*, uma vez que não se lida somente com línguas diferentes, mas com línguas que se realizam em modalidades diferentes – uma é visoespacial e a outra, oral-auditiva – a proposta de educação bilíngue exige um compromisso sociopolítico-acadêmico que contemple a integridade e a diferença entre as modalidades das línguas envolvidas no processo; a formação de professores bilíngues; a formação de professores surdos e sua presença junto ao aluno surdo; a formação de intérpretes de língua de sinais e a formação de professores de língua portuguesa como segunda língua para surdos.

Para Quadros¹⁶, a educação bilíngue deve ser “linguística e culturalmente aditiva”. Isso significa uma integração que não vise apenas inserir o surdo na comunidade ouvinte. A proposta é uma integração de dupla via entendida como a possibilidade de estar o surdo bem integrado em sua comunidade ena comunidade

¹⁴Fernandez, 2004, p. 6.

¹⁵Skliar, 1999, p. 7.

¹⁶Quadros, 2005, p. 32.

ouvinte, bem como estarem os ouvintes, integrados do mesmo modo, nas duas comunidades. Entende-se que, somente dessa forma, pode-se alcançar a comunicação em todas as suas possibilidades, contemplando “todas as dimensões da linguagem humana: ampliando os conhecimentos, facilitando o desenvolvimento intelectual, entendendo tudo que se diz, expressando tudo que se queira, rapidamente e sem esforço.”¹⁷ A comunicação assim entendida e assim desenvolvida visa a uma convivência baseada em uma diversidade ativa, que busque a igualdade material a qual tem como fundamento o respeito e a atenção às diferenças. Igualdade material, aqui, deve ser entendida como aquela baseada no conceito filosófico-jurídico tomista de Justiça: tratar desigualmente os desiguais. Hoje, sociológica e filosoficamente, esse princípio pode ser traduzido pelo que Perelman¹⁸ e Di Napoli¹⁹ conceituam como tolerância ativa e solidariedade nas diferenças, sempre com sentido bilateral.

¹⁷Dorziat, 2004, p. 5.

¹⁸Perelman, 1996.

¹⁹Di Napoli, 2000.

Cultura Surda e Identidade

É por meio da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas e lhes dá o carimbo de pertinência, de identidade. Nesse sentido, a existência de uma Cultura Surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas. Por esse motivo, falar em Cultura Surda significa também evocar uma questão identitária. Um surdo estará mais ou menos próximo da cultura surda a depender da identidade que assume dentro da sociedade. De acordo com Perlin (1998), a identidade pode ser definida como:

- **Identidade flutuante**, na qual o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte;
- **Identidade inconformada**, na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna;
- **Identidade de transição**, na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que os faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada - o surdo passa por um conflito cultural;
- **Identidade híbrida**, reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral;
- **Identidade surda**, na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos.

A preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas: uma dificuldade em casa, na escola, normalmente atrelada à problemática da comunicação. É principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro

surdo-surdo que se verifica o surgimento da Comunidade Surda. Surgem com ela às associações de surdos, onde se relacionam, agendam festinhas de final de semana, encontros em diversos pontos, como em bares da cidade, em shoppings etc.

É nessa comunidade que se discute o direito à vida, à cultura, à educação, ao trabalho, ao bem-estar de todos. É nela que são gestados os movimentos surdos (caracterizados pela resistência surda ao ouvintismo²⁰, à ideologia ouvinte). É por meio dela que os surdos atuam politicamente para terem seus direitos linguísticos e de cidadania reconhecidos, como destaca Felipe (2001). Nesse sentido, a Cultura Surda é 'focalizada e entendida a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.' (Skliar, 1998: 5)

No Brasil, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)²¹ é um dos espaços conquistados pelos surdos, onde partilham ideias, concepções, significados, valores e sentimentos, que emergem, também, no Teatro Surdo, no Humor Surdo, na Poesia Surda, na Pintura Surda, na Escultura Surda e assim por diante - manifestações culturais e artísticas, sem a interferência de ouvintes, que refletem peculiaridades da Visão Surda do mundo e envolvem questões de relacionamento, educação, entre outras.

O Humor Surdo retrata, preferencialmente, a problemática da incompreensão da surdez pelo ouvinte. Merece alusão a piada que se segue, intitulada 'Árvore', extraída da Revista da FENEIS, ano 1, nº 3, julho/ setembro 1999 - uma piada que retrata toda a história da educação dos surdos: uma história de conflitos e fracassos sociais e educacionais, mas que começa a mudar a partir do momento em que a língua de sinais passa a ser reconhecida como o meio de expressão dos surdos.

²⁰ Ouvintismo é definido por Skliar (1998: 151) como 'um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte'. Em suma, o termo parece designar a imposição sócio-educacional-cultural e política que sofre(u) o surdo sob a dominação dos ouvintes que se acham no direito de determinar o que é melhor para ele.

²¹ A FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) é uma entidade não governamental, filiada à *World Federation of the Deaf*. Ela possui sua matriz no Rio de Janeiro e filiais espalhadas por diversos estados brasileiros, a saber Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo, Teófilo Otoni e Distrito Federal. Acesso a ela pelo site: <http://www.feneis.com.br>

O Papel do Intérprete de Libras

A presença do intérprete de LIBRAS x Português e vice-versa, em sala de aula, tem aspectos favoráveis e desfavoráveis que precisam ser observados.

Aspectos favoráveis:

- O aluno surdo aprende de modo mais fácil o conteúdo de cada disciplina;
- O aluno surdo sente-se mais seguro e tem mais chances de compreender e ser compreendido;
- O processo de ensino-aprendizagem fica menos exaustivo e mais produtivo para o professor e alunos;
- O professor fica com mais tempo para atender aos demais alunos;
- A linguagem de LIBRAS passa a ser mais divulgada e utilizada de maneira adequada;
- O aluno surdo tem melhores condições de desenvolver-se, favorecendo inclusive seu aprendizado da Língua Portuguesa (falada e/ou escrita).

Aspectos desfavoráveis:

- O intérprete pode não conseguir passar o conteúdo da mesma forma que o professor;
- O aluno não presta atenção ao que o professor regente diz, porque está atento ao intérprete;
- Há necessidade de pelo menos dois intérpretes por turma porque a atividade é exaustiva;
- Os demais alunos ouvintes podem ficar desatentos, porque se distraem olhando para o intérprete;
- O professor regente pode sentir-se constrangido em estar sendo interpretado;
- O professor não interage diretamente com o aluno.

A integração do aluno surdo é um desafio que deve ser enfrentado com coragem, determinação e segurança. A decisão de encaminhá-lo à classe de ensino regular deve ser fruto de um criterioso processo de avaliação. Finalmente, deve-se ter clara que essa integração não passa exclusivamente pela sua colocação na turma com crianças ouvintes. A verdadeira integração implica em reciprocidade.

A criança surda poderá iniciar seu processo de integração na família, na vizinhança, na comunidade, participando de atividades sociorecreativas, culturais ou religiosas com crianças e adultos “ouvintes” e dar continuidade a esse processo na escola especial ou regular, de acordo com suas necessidades especiais. Garantir ao aluno surdo um processo de escolarização de qualidade é fator fundamental para sua integração plena.

A língua de sinais é rica e fácil de aprender. Conhecê-la é muito gratificante e importante para entender as necessidades e manter a comunicação com os surdos. Diversas igrejas, comunidades e escolas ministram cursos sobre a língua de sinais com professores preparados. Também é possível aprender por meio da convivência com os surdos. Este método é agradável, pois os surdos têm enorme prazer e paciência em ensiná-los.

Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO - Cursos Online : Mais de 1000 cursos online com certificado

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/32404/o-papel-do-interprete-de-libras#ixzz2YxU3h0o2>

Sistema de transcrição da Libras

As línguas de sinais têm características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "Sistema de notação em palavras".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

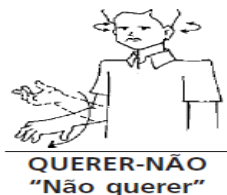
Assim, a Libras será representada a partir das seguintes convenções:

1 - Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2 - Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos:



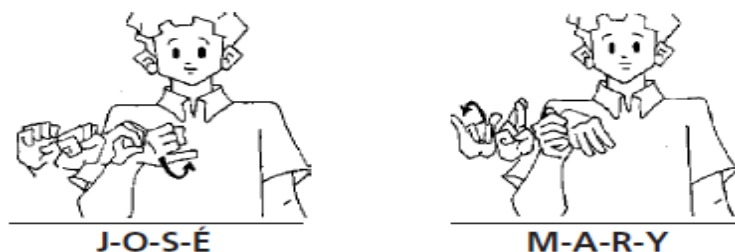
3 - Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.

Exemplos:



4 - A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Exemplos:



5 - O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à Libras por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela soletração ou parte da soletração do sinal em *itálico*.

Exemplos:



6 - Na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) ou amigo(s)", FRI@ "fria(s) ou frio(s)", MUIT@ "muita(s) ou muito(s)", TOD@, "toda(s) ou todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) ou meu(s)";

7 - Os traços não-manuais: as expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal, estão representadas acima do sinal ao qual está acrescentando alguma ideia, que pode ser em relação ao:

a -tipo de frase: interrogativa ou ... i ... , negativa ou ...neg ...

Exemplos:



Para simplificação, serão utilizados também, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b- advérbio de modo ou um intensificador: muito; rapidamente; exp.f "espantado";

Exemplos:



8- Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal, veículo), através de classificadores, estão sendo representados com o tipo de classificador em subscrito.

Exemplos:



9- Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a - a variável para o lugar:

i = ponto próximo à 1ª pessoa,

j = ponto próximo à 2ª pessoa,

k e k' = pontos próximos à 3ª pessoas,

e = esquerda,

d = direita;

b - as pessoas gramaticais:

1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;

1d, 2d, 3d = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;

1p, 2p, 3p = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;

Exemplos:

1sDAR_{2s} "eu dou para você",

2sPERGUNTAR_{3p} "você pergunta para eles/elas",

kdANDAR_{k'e} "andar da direita (d) para à esquerda (e)".

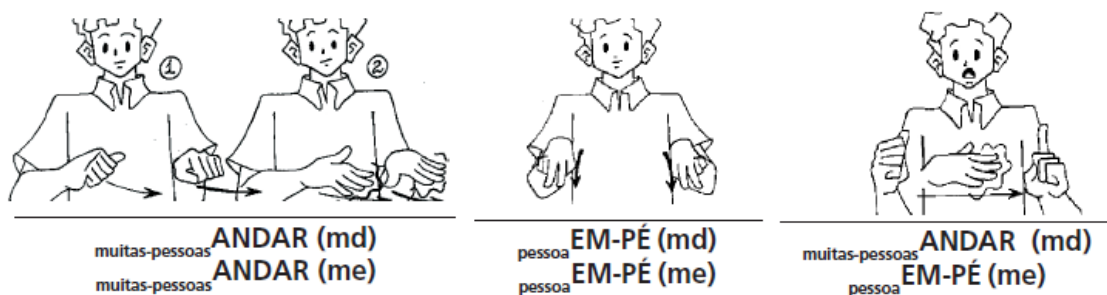
10- Às vezes há uma marca de plural pela repetição ou alongamento do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo:



11 - Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

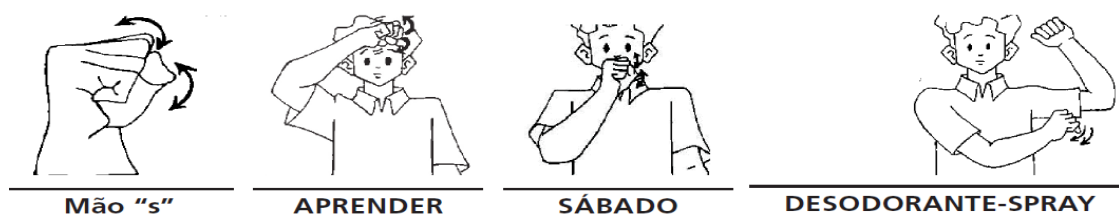
Exemplos:



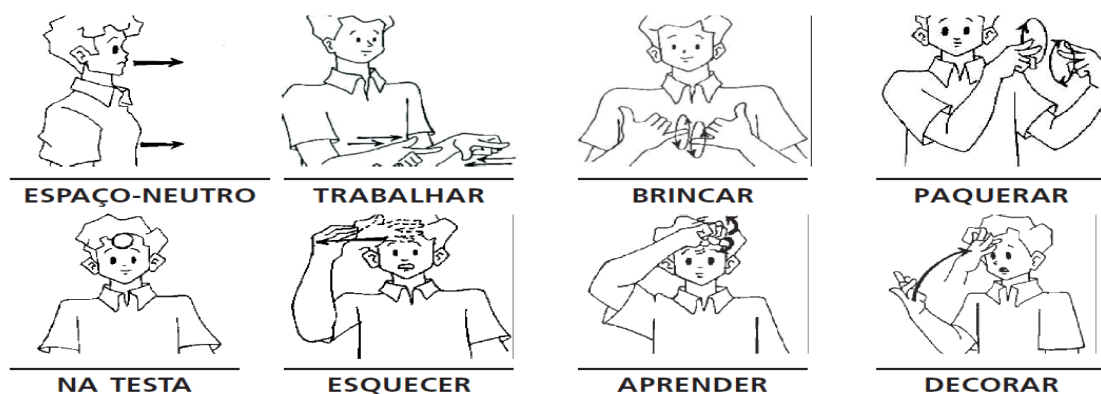
Estas convenções foram utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua gestual visual, que é tridimensional.

Parâmetros de Libras

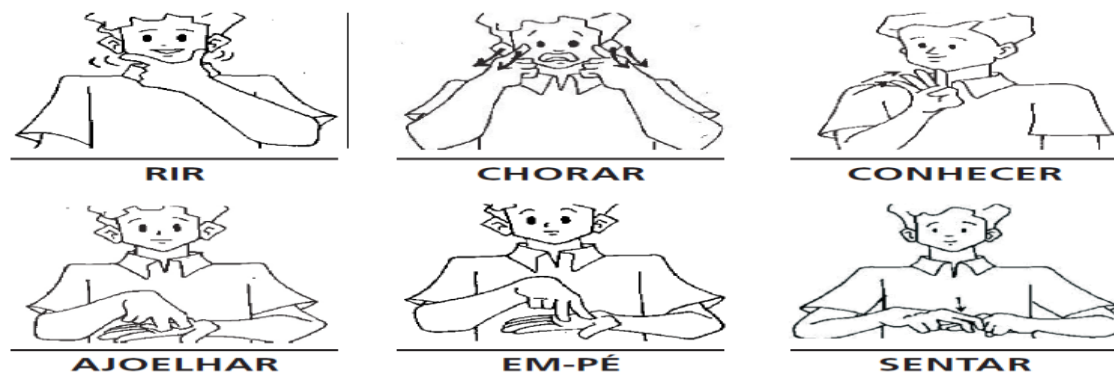
1. Configuração da(s) mão(s): é a forma da(s) mão(s) presente no sinal. Nas Libras há 64 configurações. Elas são feitas pela mão dominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos dependendo do sinal. Exemplos: APRENDER (na testa), LARANJA (na boca) e DESODORANTE-SPRAY (na axila), tem a mesma configuração de mão “S”.



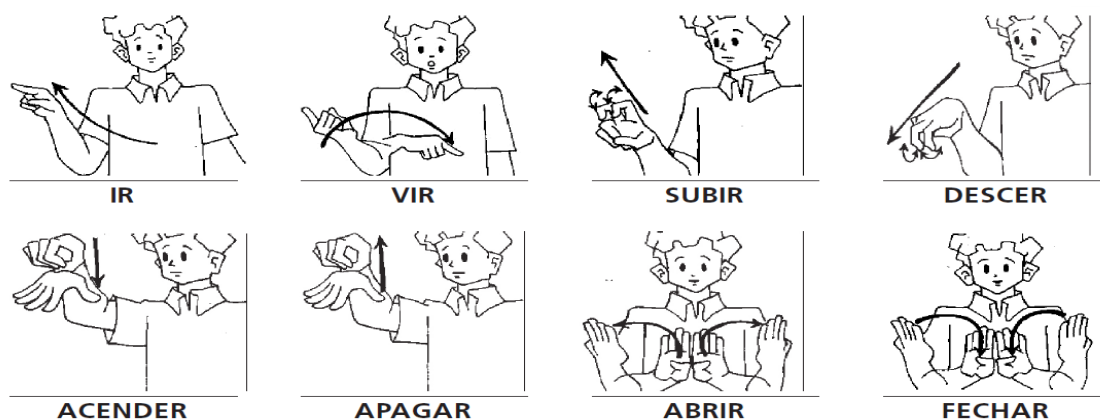
2. Ponto de Articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Exemplos: Espaço neutro: TRABALHAR, BRINCAR, PAQUERAR. Parte do corpo: ESQUECER APRENDER, DECORAR.



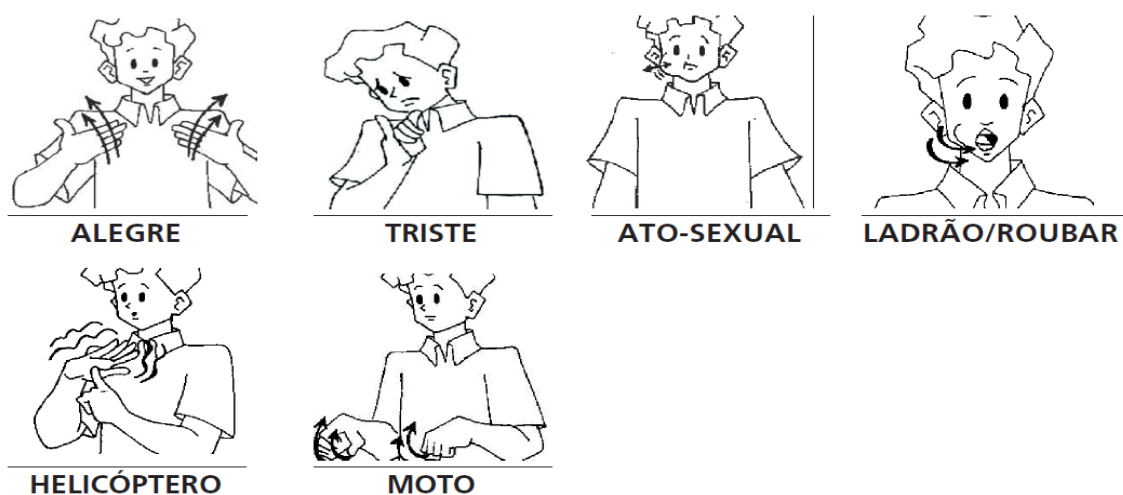
3. Movimento: os sinais podem ter movimento ou não. Exemplos com movimento: RIR, CHORAR, CONHECER. Exemplos sem movimento: AJOELHAR, EM-PÉ, SENTAR.



4. Orientação/direcionalidade: os sinais têm uma direcionalidade com relação aos parâmetros citados. Exemplos: verbo IR e VIR, SUBIR, DESCER, ACENDER, APAGAR, ABRIR-PORTA e FECHAR-PORTA.

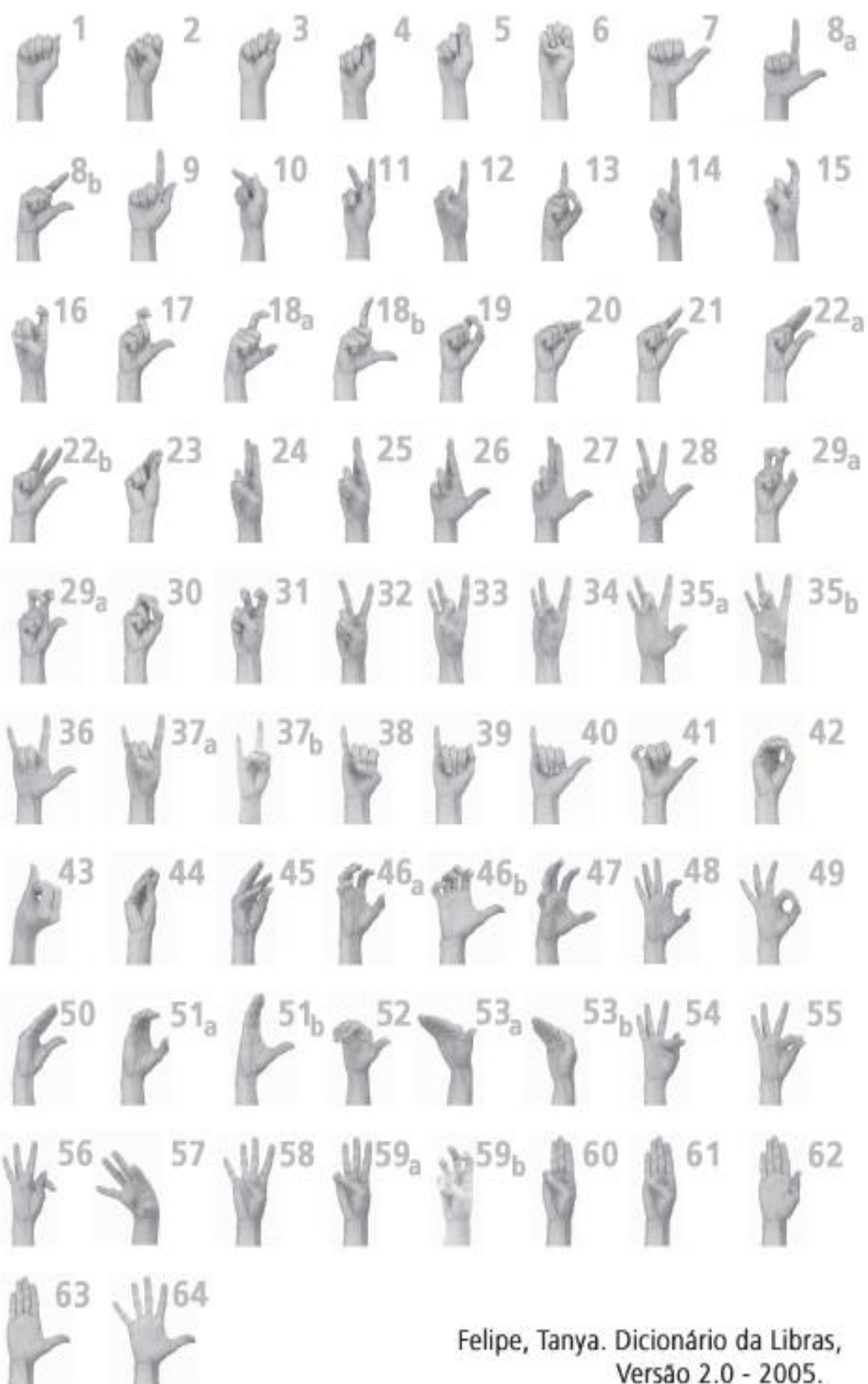


5. Expressão Facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração têm como traço diferenciador também a expressão facial e/corporal. Exemplos: ALEGRE, TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha como: LADRÃO/ROUBAR, ATO-SEXUAL; sinais feitos com a mão expressão facial, como o sinal de BALA, e há ainda sinais em que sons e expressões faciais complementam os traços manuais, como os sinais: HELICÓPTERO e MOTO.



Na combinação destes cinco parâmetros, ou quatro, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos para formarem as palavras e estas formarem as frases em um contexto.

CONFIGURAÇÕES DE MÃO DA LIBRAS



Felipe, Tanya. Dicionário da Libras,
Versão 2.0 - 2005.

Diferença básica entre português e Libras

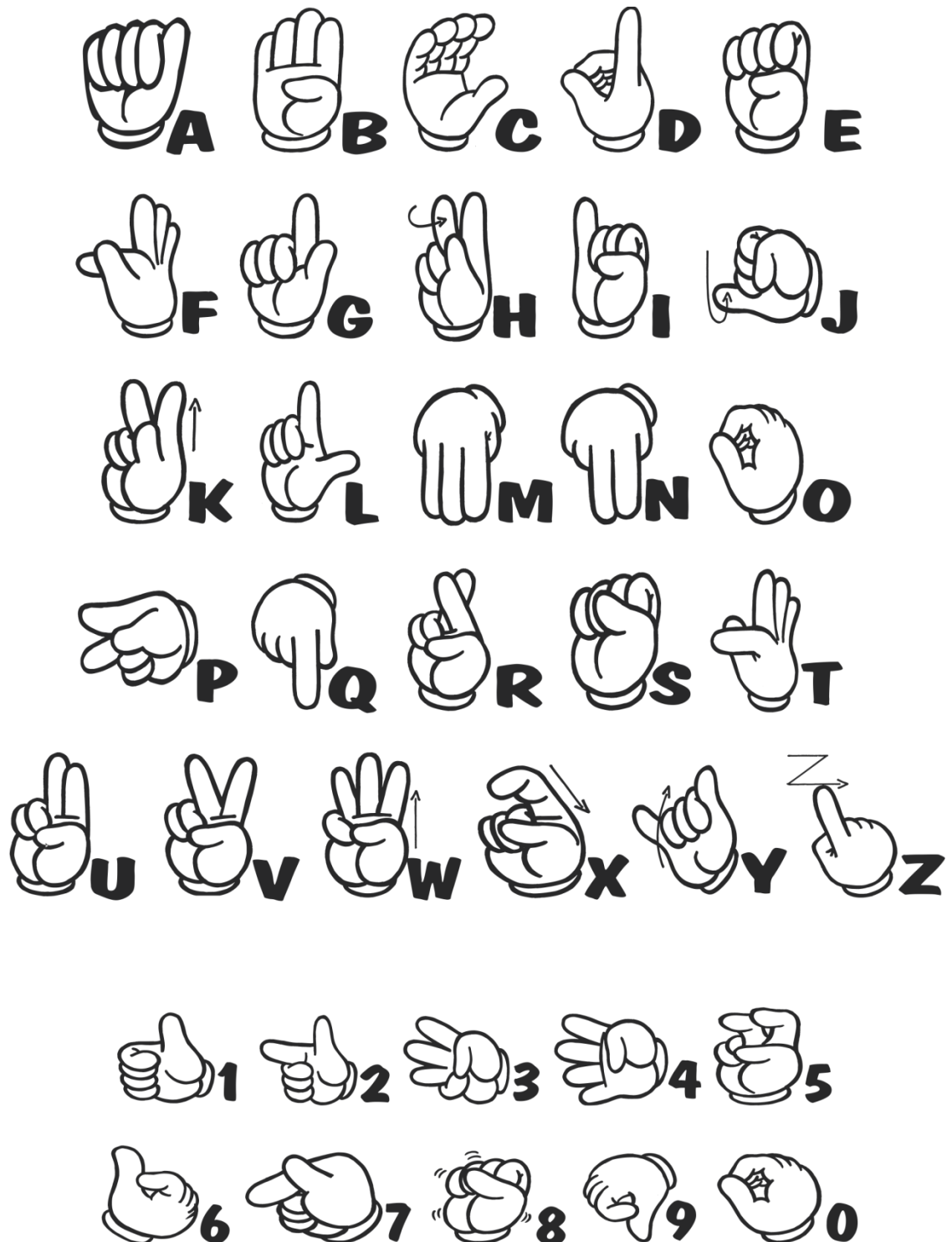
LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
Língua de modalidade oral-auditiva	Língua de modalidade espaço-visual
Unidade mínima: som (fonema)	Unidade Mínima: item lexical (sinal)
Possui um alfabeto com relação letra som (oralizado) através do qual todo léxico da língua é formado.	A partir das configurações das mãos existentes na Libras, criou-se um alfabeto manual dactilologizado: a) auxilia na digitação de nomes próprios da LP; b) auxilia na soletração rítmica (empréstimo de pequenas palavras da LP).
Ritmo da fala oral: representado, oralmente, pela entonação e por pausas (ex.: representação gráfica pela pontuação).	Ritmo da fala espaço-visual: representado por expressões faciais, pausas e alguns classificadores de organização frasal.
Artigos: determinam o gênero: definidos: o, a, os, as; indefinidos: um, uma, uns, umas.	Artigos: o gênero é determinado pelo acréscimo do item lexical sinalizado correspondente a “HOMEM” e “MULHER”, quando necessário. Só aparece para seres humanos e animais.
Plural na LP é redundante. A flexão de número ocorre basicamente pelo acréscimo de “s” para os substantivos. Ex.: gato: gatos; azul: azuis; mal: males; etc.	Flexão de número: repetição de itens lexicais. Ex.: casas = casa + casa + casa.
Estrutura: S V O Ex.: O homem subiu na montanha.	Estrutura: O S V Ex.: MONTANHA HOMEM SUBIR

Datilologia

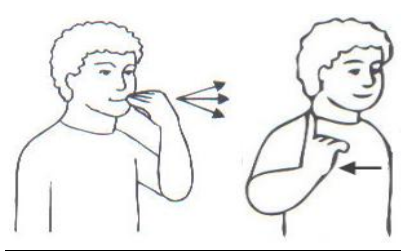
A datilologia é a soletração de uma palavra usando o alfabeto manual de LIBRAS. A datilologia atual também conhecida como alfabeto manual, é utilizada para informar (representar) coisas que ainda não possuem um sinal na LIBRAS, para expressar nomes e palavras de línguas estrangeiras. No entanto a datilologia é atribuída a um monge, Pedro Ponce de León (1520-1584) a invenção do primeiro alfabeto manual conhecido. Este trabalho está registrado nos livros da instituição religiosa que relata sucesso de uma metodologia que incluía datilologia, escrita e fala.

A datilologia é mais usada para expressar nome de pessoas, localidades e outras palavras que não possuem um sinal específico. Às vezes, uma palavra da língua portuguesa que por empréstimo passou a pertencer a LIBRAS, por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, será apresentada pela soletração ou partida soletração como as palavras “reais” e “nunca”, por exemplo.

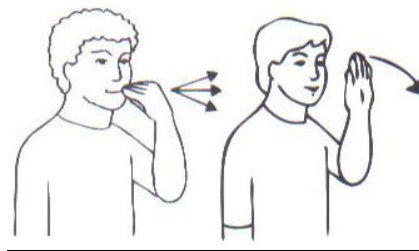
Alfabeto Manual e Numérico



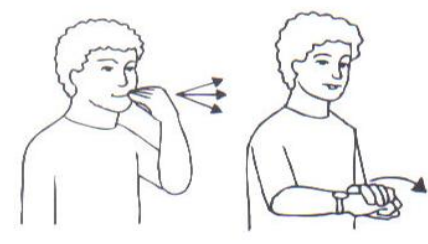
Cumprimento (Sinais Básicos)



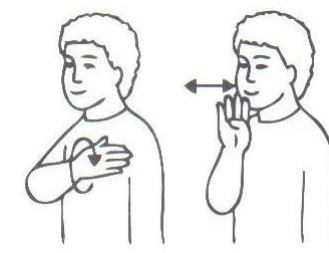
Bom dia



Boa Tarde



Boa Noite



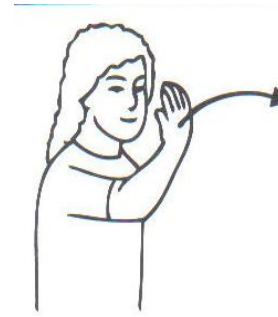
Prazer em conhecer



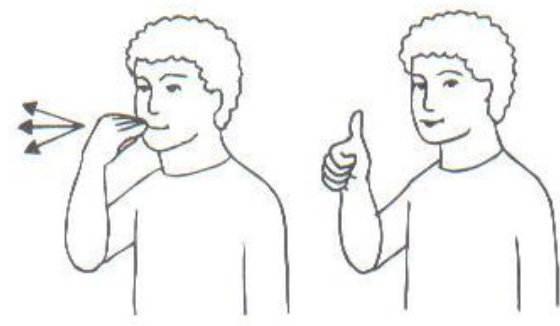
Nome



Sinal



Obrigado

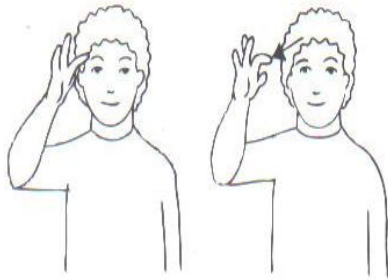


Tudo bem



Tchau

Calendário



Amanhã



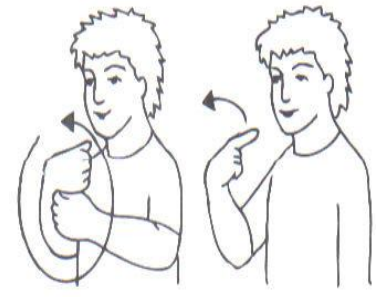
Hoje



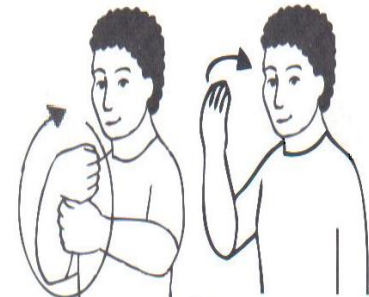
Ontem



Ano



Ano que vem



Ano passado



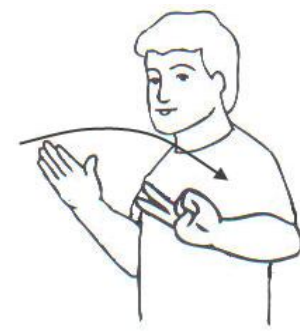
Feriado



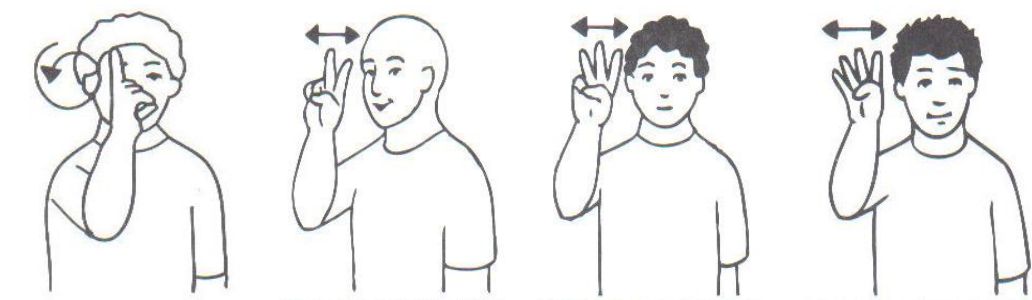
Férias



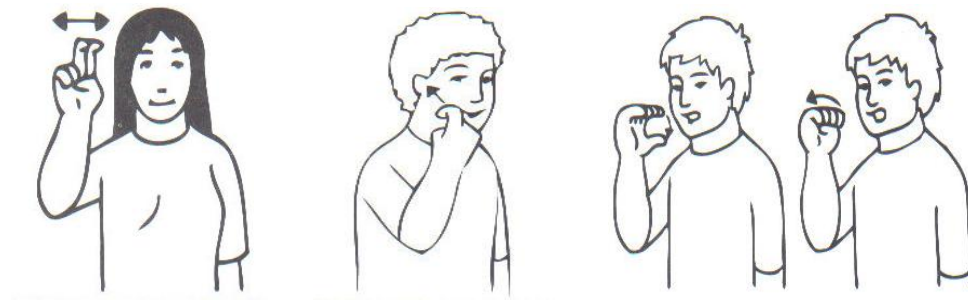
Todo dia



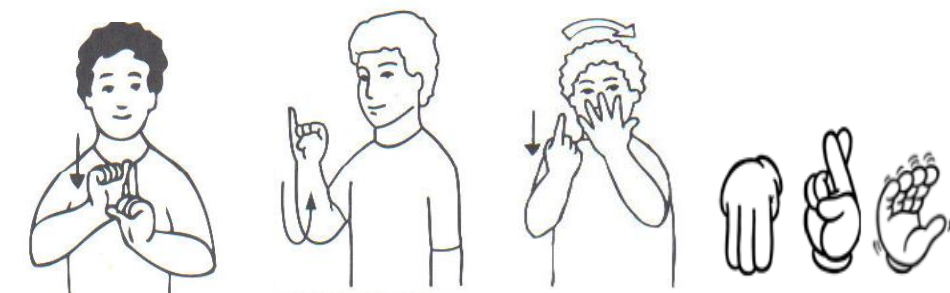
Semana



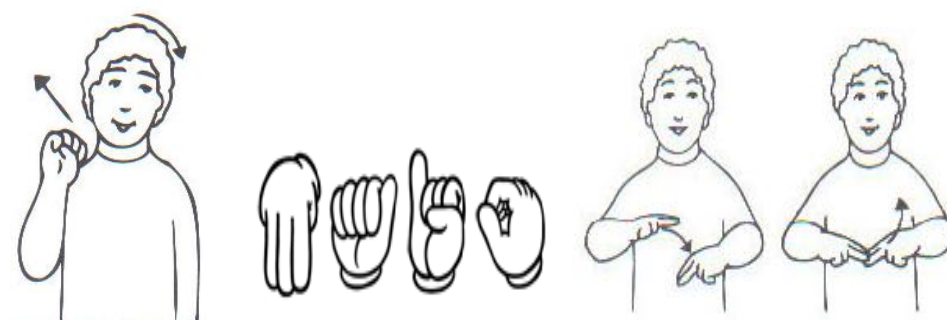
Domingo Segunda-feira Terça-feira Quarta-feira



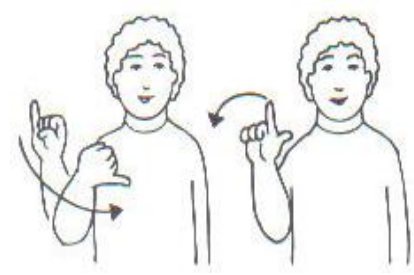
Quinta-feira Sexta-feira Sábado



Mês Janeiro Fevereiro Março



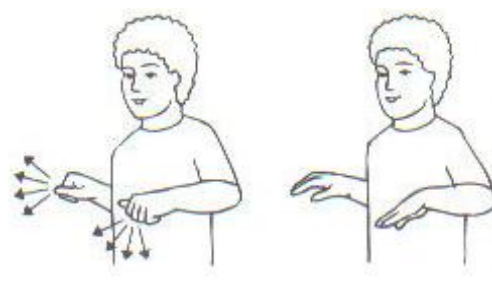
Abril Maio Junho



Julho



Agosto



Setembro



Outubro



Novembro



Dezembro

Famílias



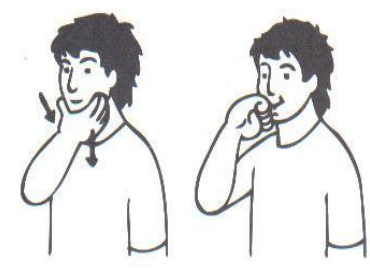
Homem



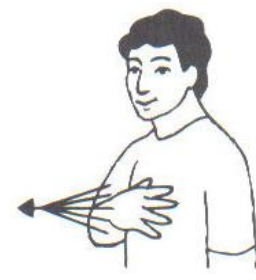
Mulher



Mamãe



Papai



Filho (a)



Irmão (ã)



Gêmeo



Sobrinho (a)



Tio (a)



Primo (a)



Avô (ó)



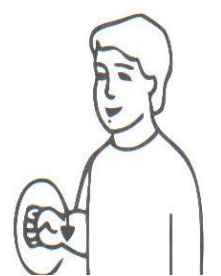
Neto



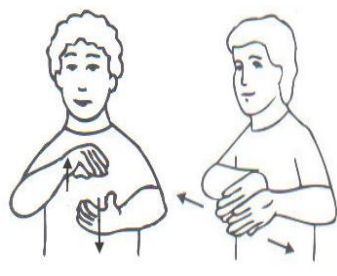
Noivo (a)



Casado



Solteiro (a)



Divorciado



Amigo (a)



Genro



Nora



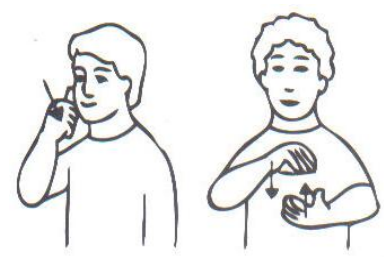
Namorado (a)



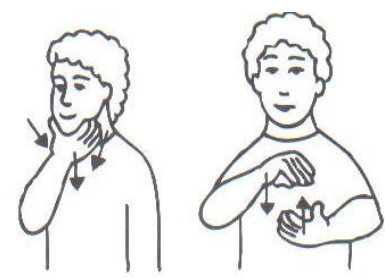
Cunhado (a)



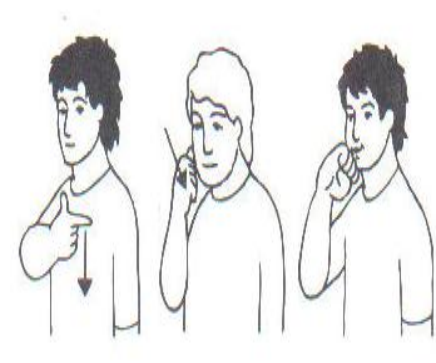
Sogro (a)



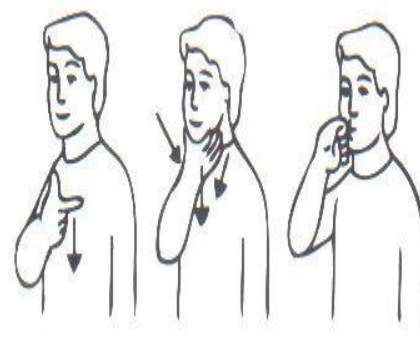
Esposa



Marido



Madrasta



Padrasto

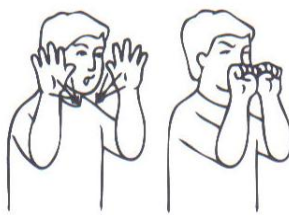
Cores



Claro



Escuro



Amarelo



Azul



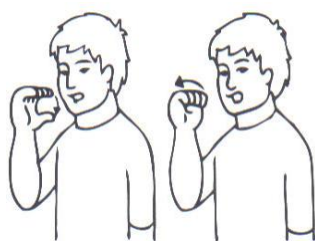
Branco



Bege



Cinza



Alaranjado



Lilás



Marrom



Preto



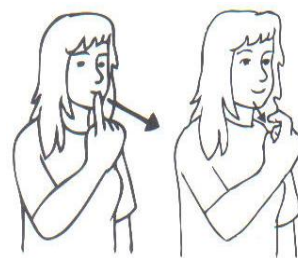
Rosa



Roxo

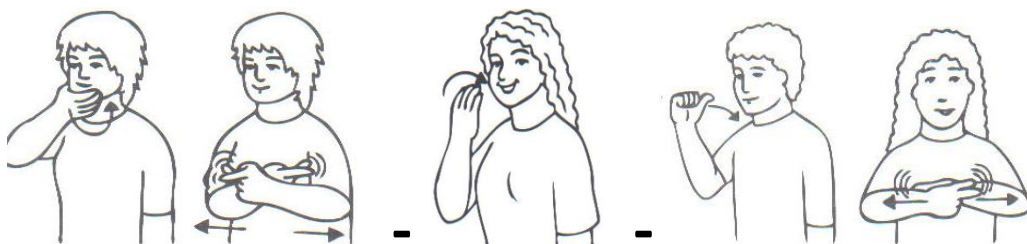


Verde



Vermelho

Frutas/Alimentos/Bebida



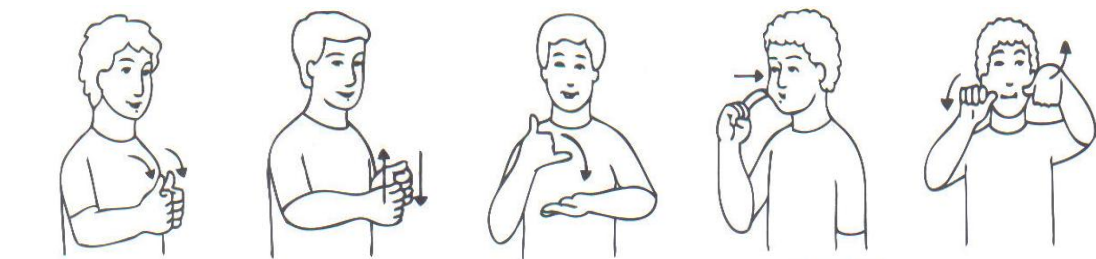
Abacate

Abóbora

Açúcar

Alface

Alho



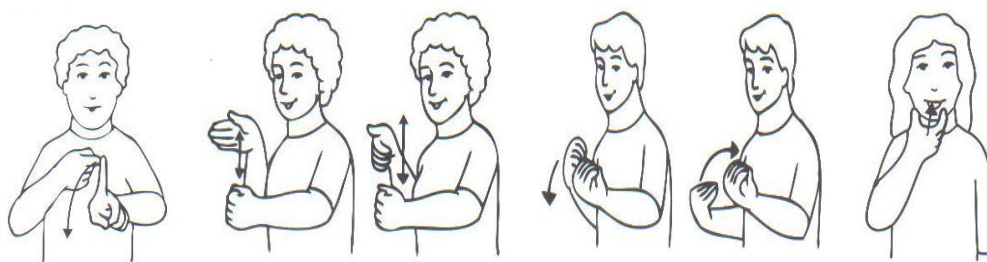
Amendoim

Arroz

Azeite

Bala

Bombom

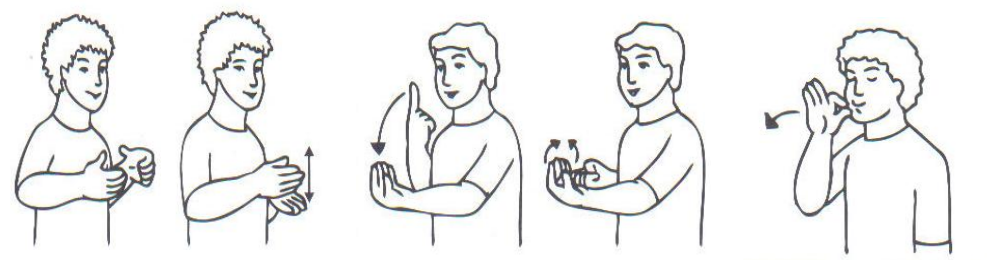


Banana

Batata

Batata-Doce

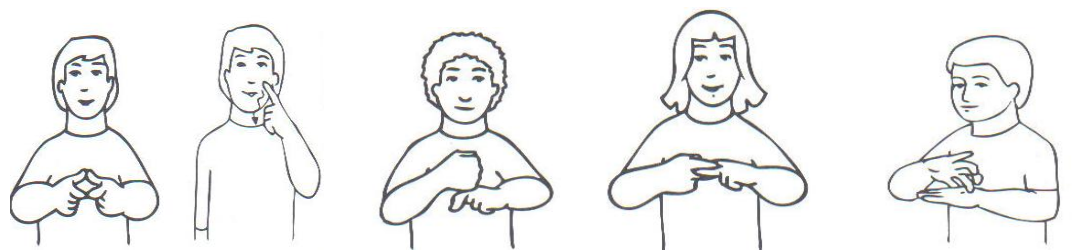
Bolacha



Bolo

Cachorro-Quente

Café

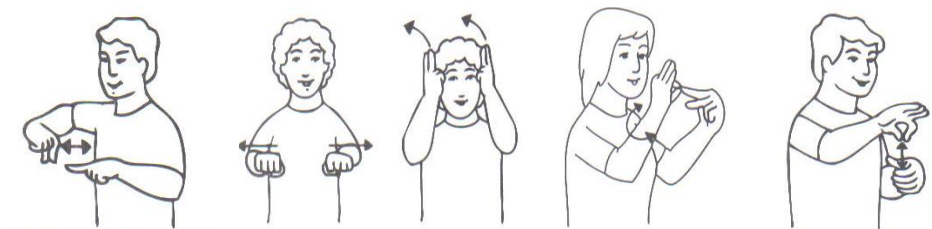


Cebola

Caju

Carambola

Carne

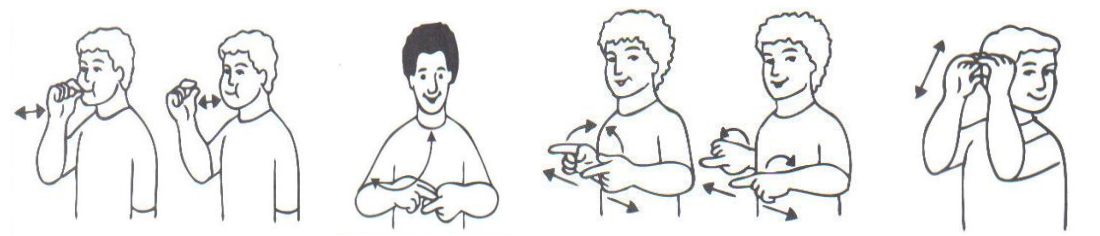


Cebolinha

Cenoura

Cereja

Chá

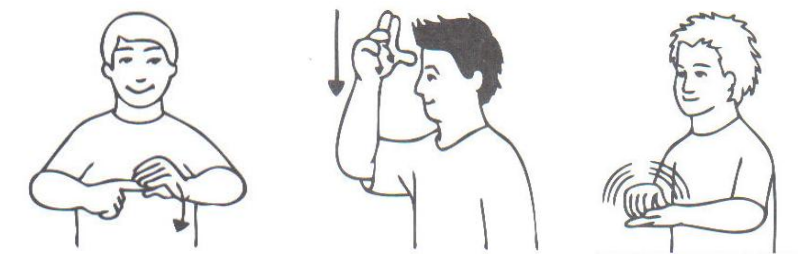


Chiclete

Chocolate

Churrasco

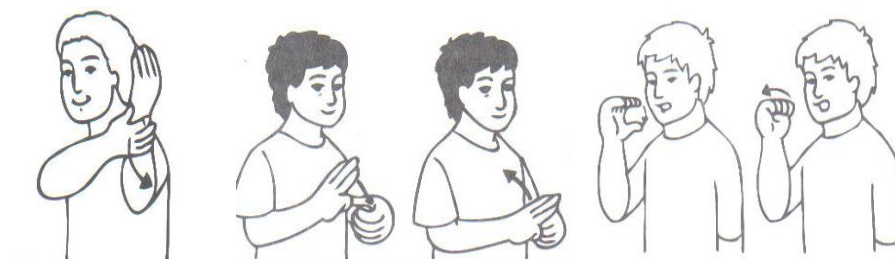
Coco



Feijão

Galinha

Gelatina



Jaca

Kiwi

Laranja



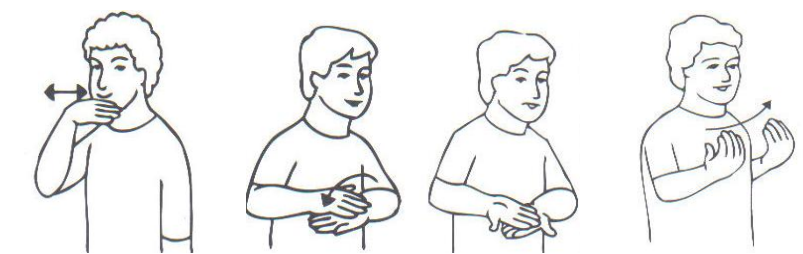
Leite

Limão

Lingüiça

Maçã

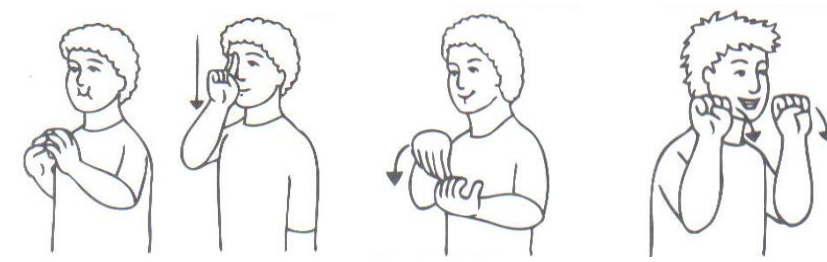
Macarrão



Manga

Manteiga

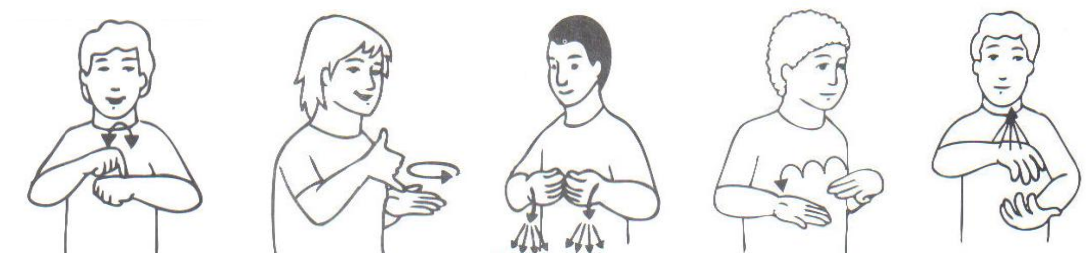
Melancia



Melão

Mexerica

Milho



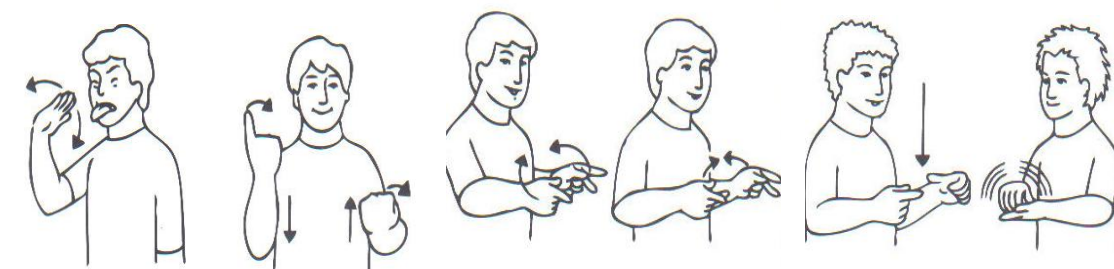
Morango

Óleo

Ovo

Pastel

Coxinha

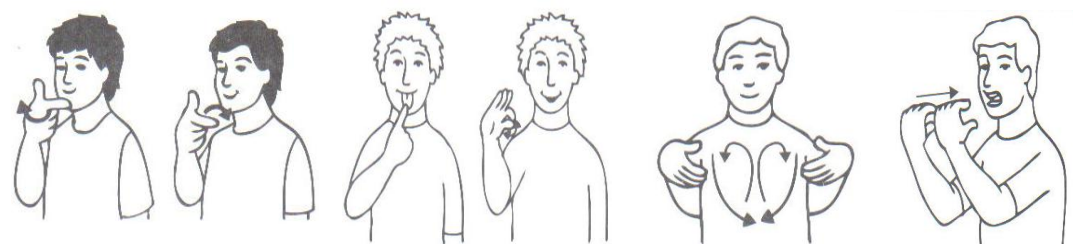


Pimenta

Pipoca

Pizza

Pudim

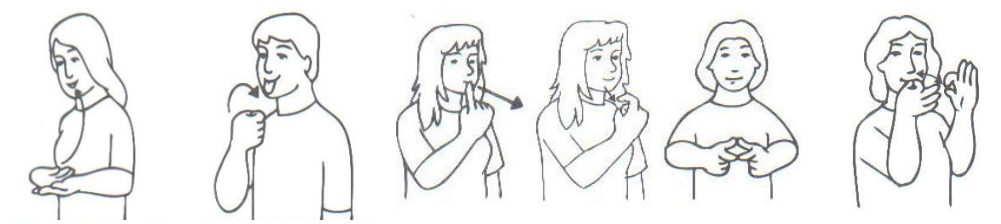


Queijo

Sal

Salada

Sanduíche

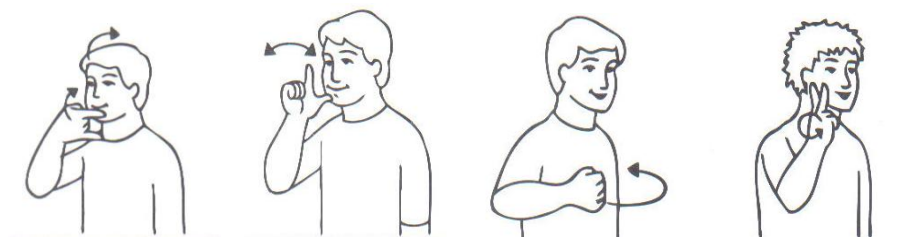


Sopa

Sorvete

Tomate

Uva



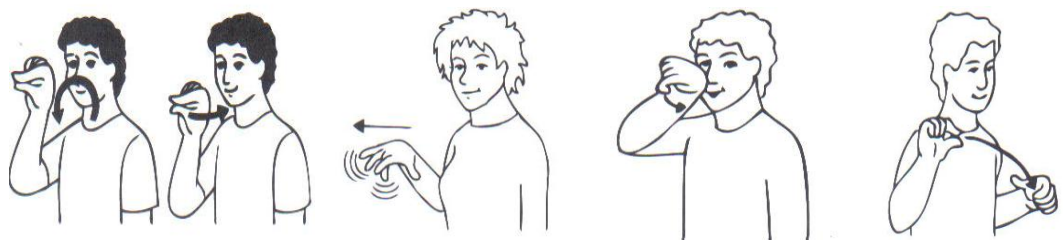
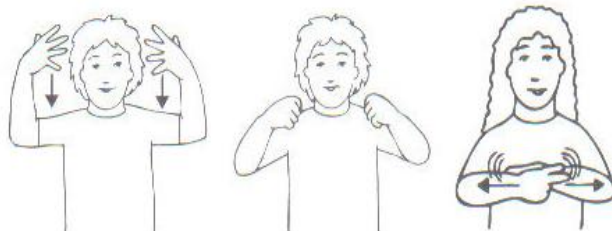
Cachaça

Água

Cerveja

Vinho

ANIMAIS

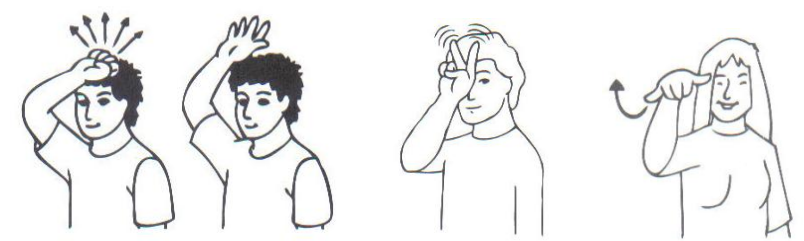


Abelha

Aranha

Arara

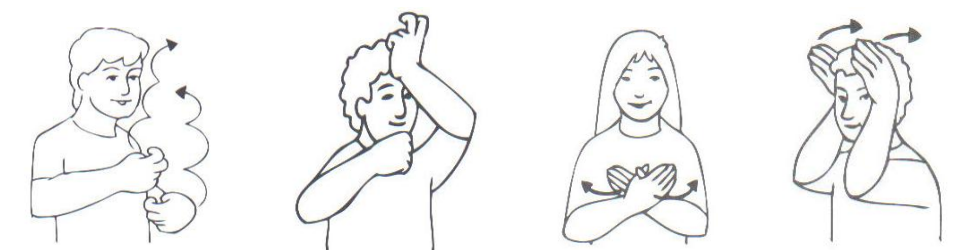
Avestruz



Baleia

Barata

Boi

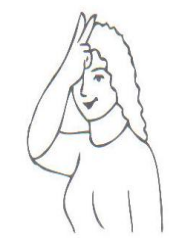


Bicho Preguiça

Bode

Borboleta

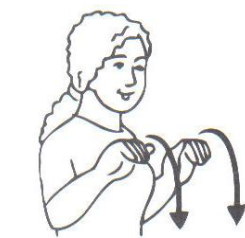
Burro



Cabra



Cachorro



Canguru



Caracol



Caranguejo



Cavalo



Coelho



Cobra



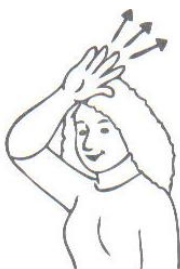
Elefante



Escorpião



Esquilo



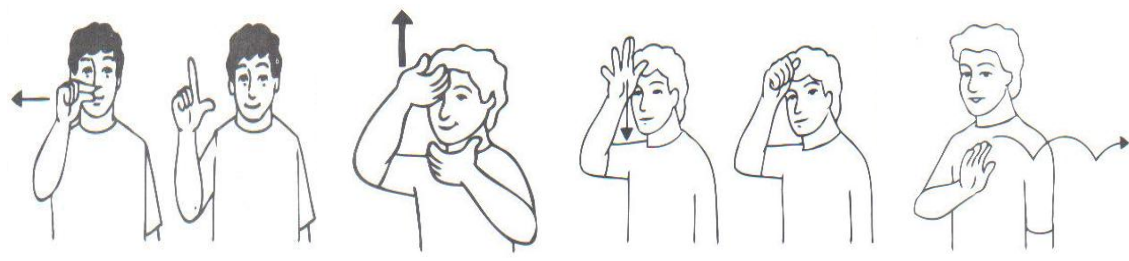
Galo



Gavião



Gambá



Gato

Girafa

Galinha

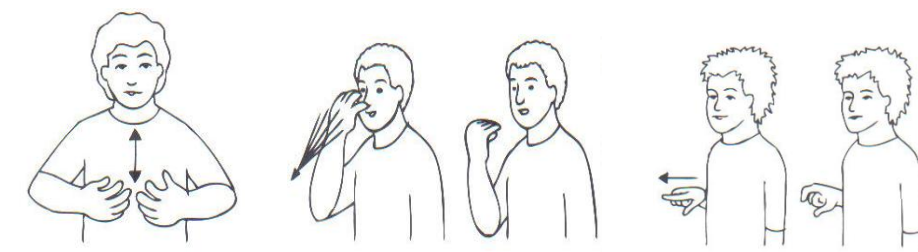
Golfinho



Hipopótamo

Jacaré

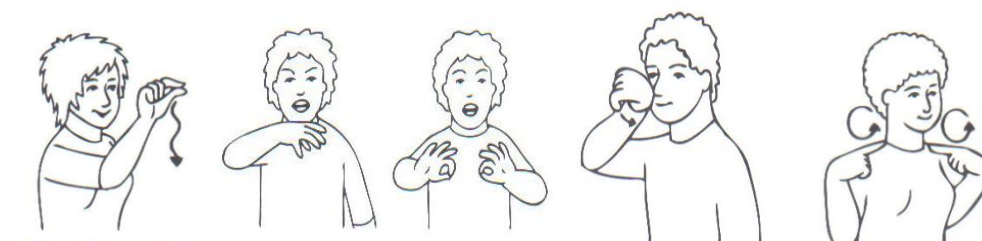
Leão



Macaco

Lobo

Minhoca



Mosca

Onça

Papagaio

Ovelha



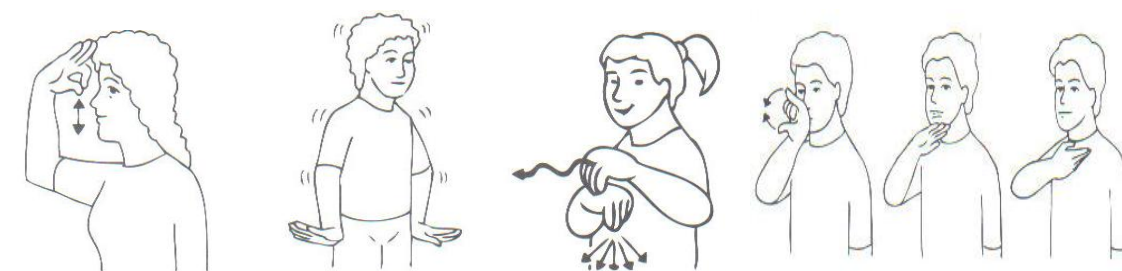
Pássaro

Pato

Pavão

Peixe

Carapanã

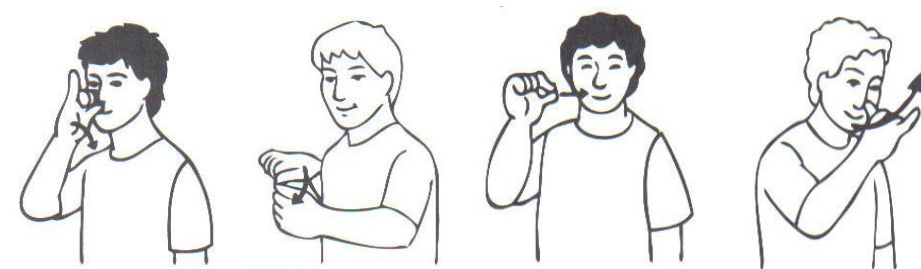


Peru

Pingüim

Polvo

Pombo

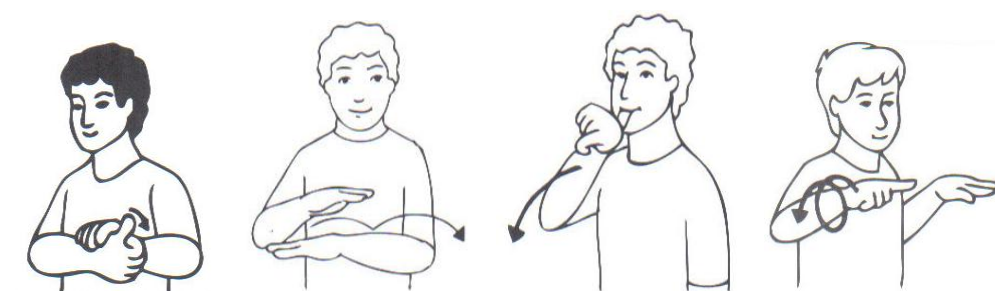


Porco

Pulga

Rato

Rinoceronte

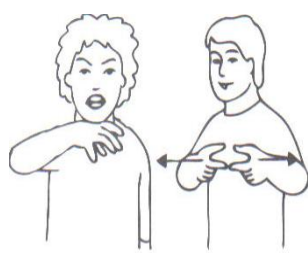


Tartaruga

Sapo

Tamanduá

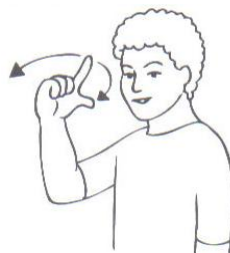
Tatu



Tigre



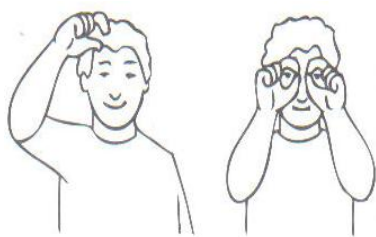
Tubarão



Tucano



Urso



Panda



Urubu



Vaca



Veado



Zebra



NATUREZA



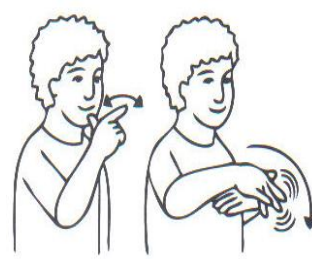
Arco-íris



Areia



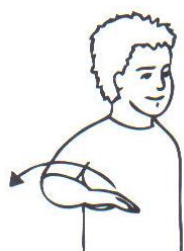
Árvore



Cachoeira



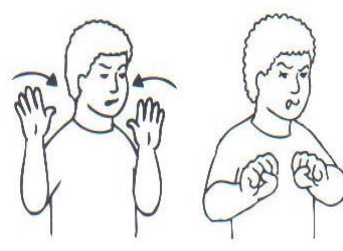
Chuva



Montanha



Céu



Escurecer



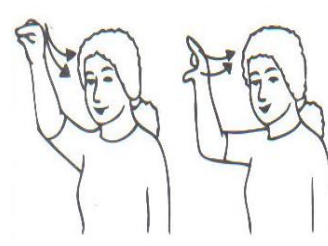
Estrela



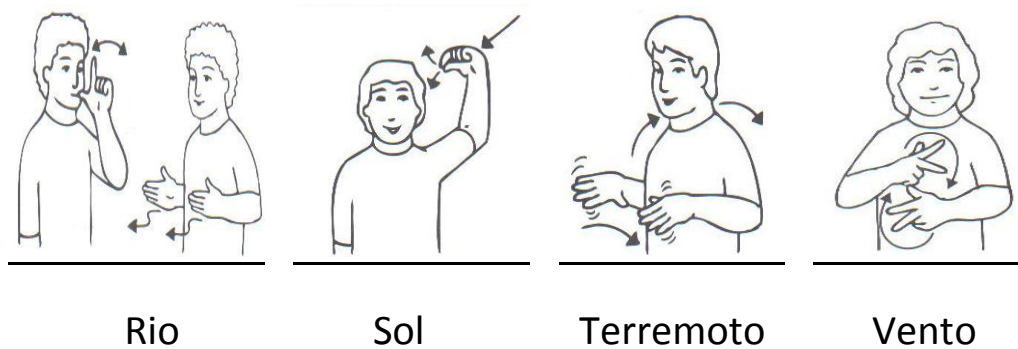
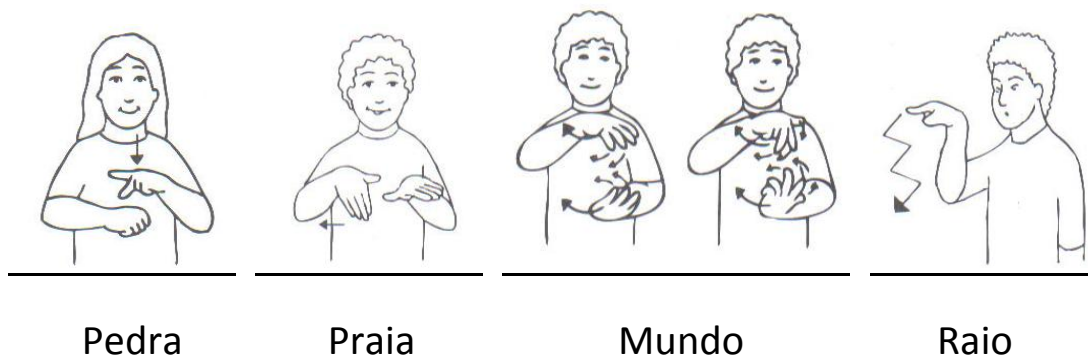
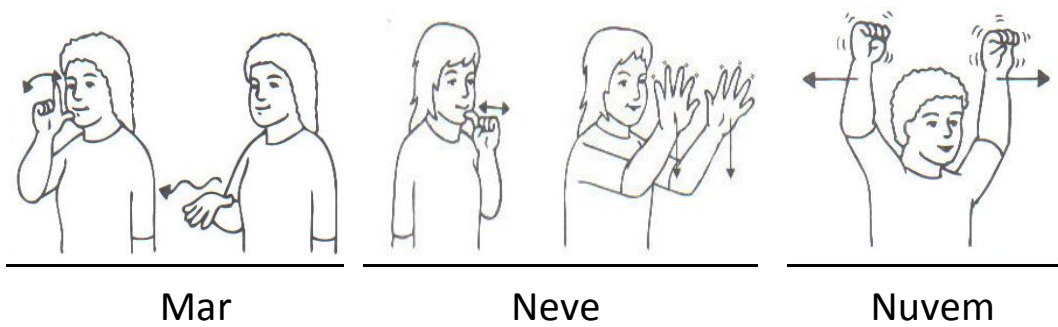
Flor



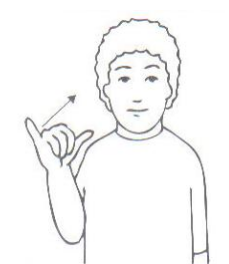
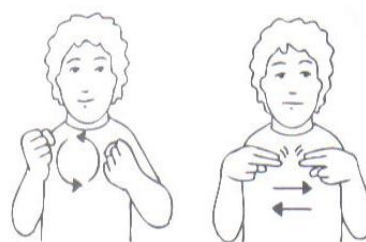
Furacão



Lua



MEIOS DE TRANSPORTE



Avião



Barco



Bicicleta



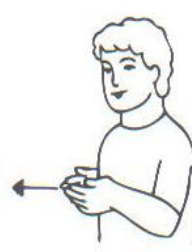
Carro



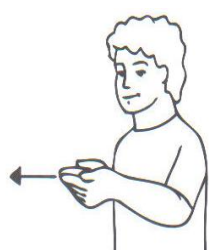
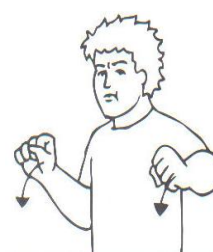
Helicóptero



Jet-ski



Moto



Navio



Ônibus



Táxi



Trem

PROFISSÕES



Advogado



Arquiteto



Bailarina



Bombeiro



Cabeleireiro



Costureira



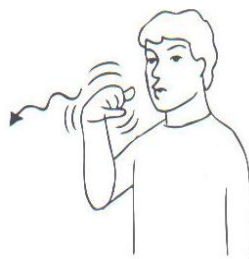
Cozinheira



Dentista



Diretor



Eletricista



Doméstica



Engenheiro



Farmacêutico



Faxineiro



Fisioterapeuta



Fonoaudiólogo



Governador



Juiz



Mecânico



Médico



Motorista



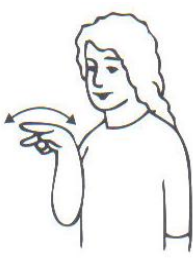
Padeiro



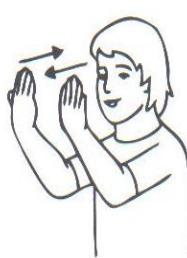
Palhaço



Polícia



Professor

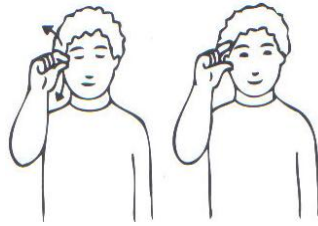
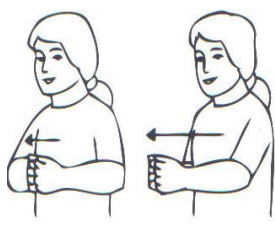


Psicólogo



Secretário

VERBOS

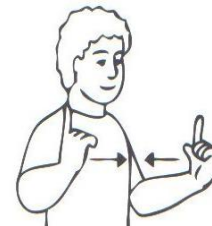


Acompanhar

Acordar

Acusar

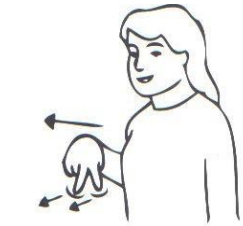
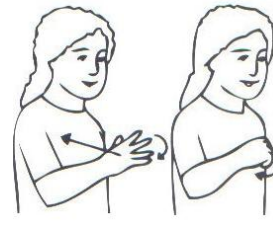
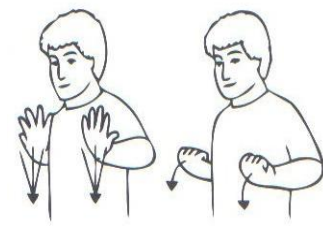
Abençoar



Abrir

Acalmar

Achar

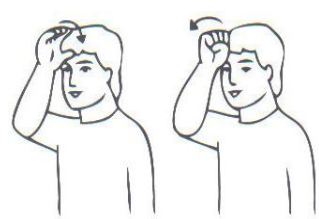


Admitir

Afastar

Amar

Andar



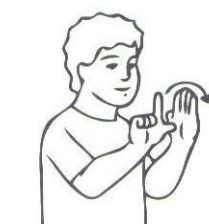
Aprender



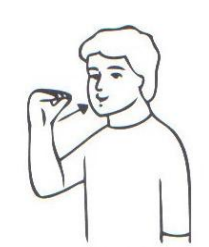
Avisar



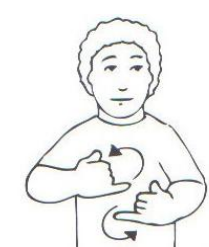
Assustar



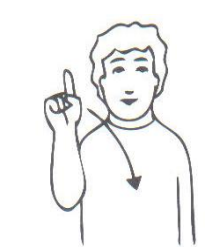
Atrasar



Beijar



Brincar



Vir



Chorar



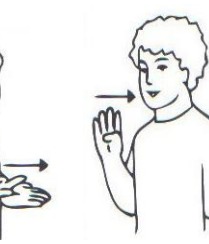
Comer



Beber



Comprar



Conhecer



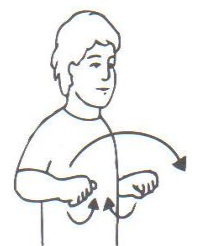
Continuar



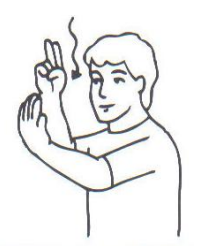
Conversar



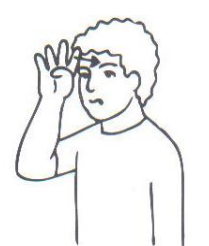
Confiar



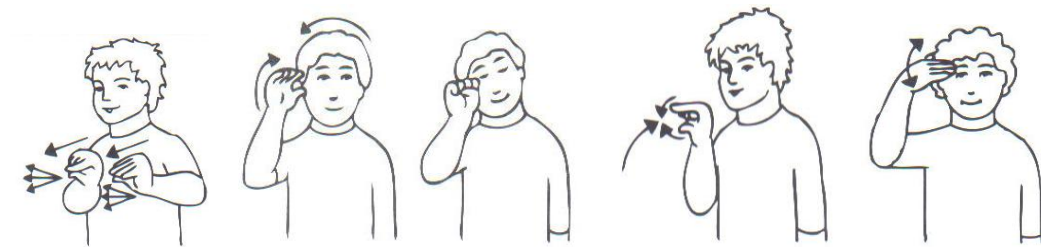
Dar



Desenhar



Distrair

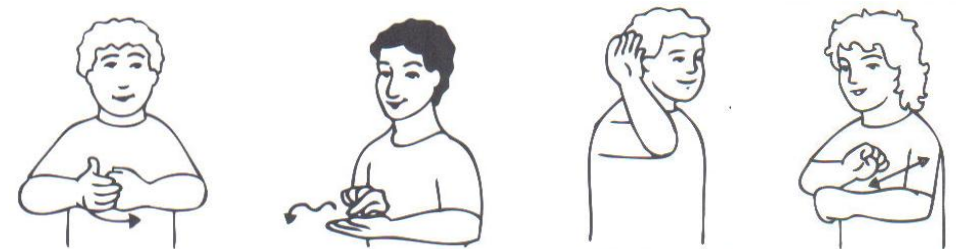


Ensinar

Dormir

Escolher

Entender

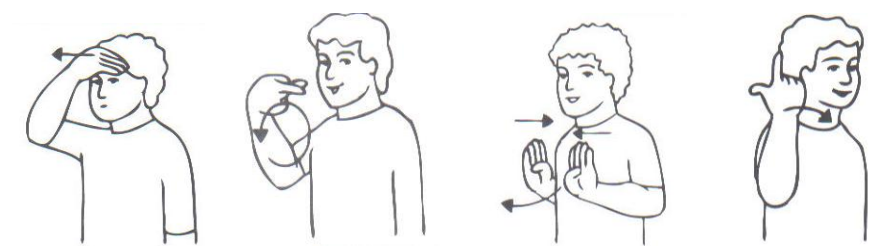


Esconder

Escrever

Escutar

Esperar

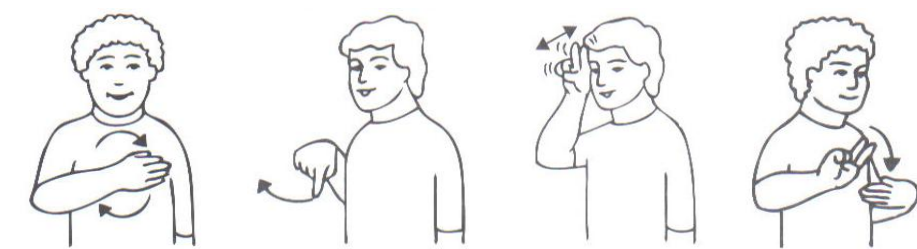


Esquecer

Falar

Fechar

Ganhar

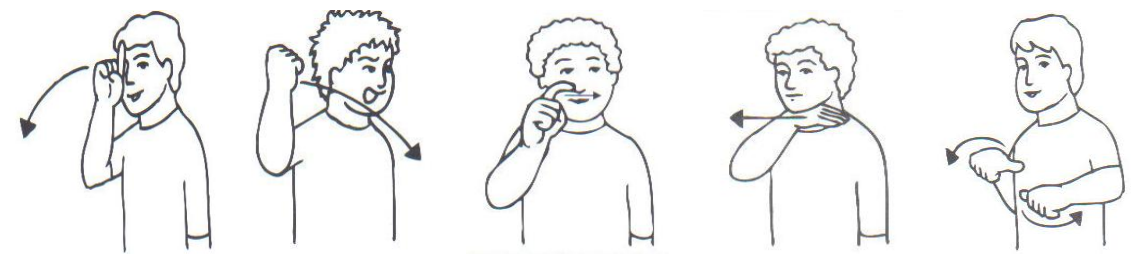


Gostar

Ir

Lembrar

Ler



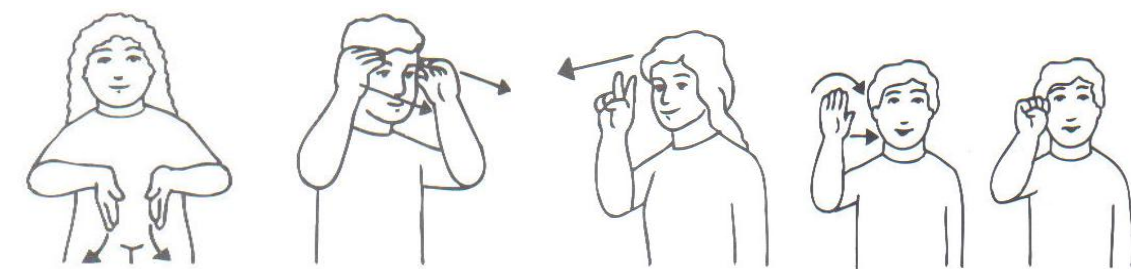
Mandar

Matar

Mentir

Morrer

Mudar

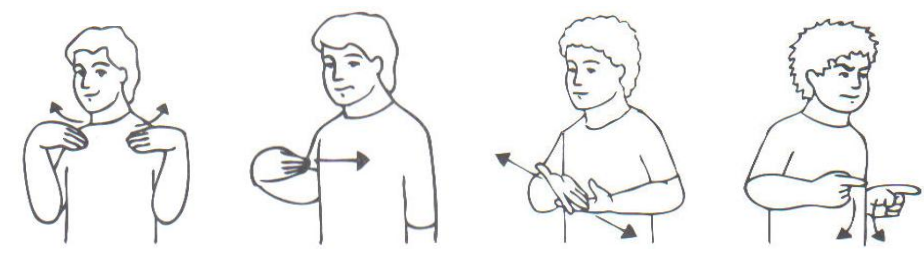


Nascer

Obedecer

Observar

Ouvir

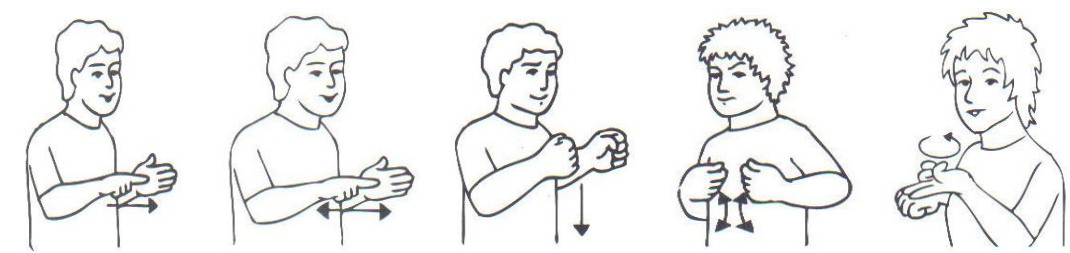


Passear

Pecar

Perder

Provocar



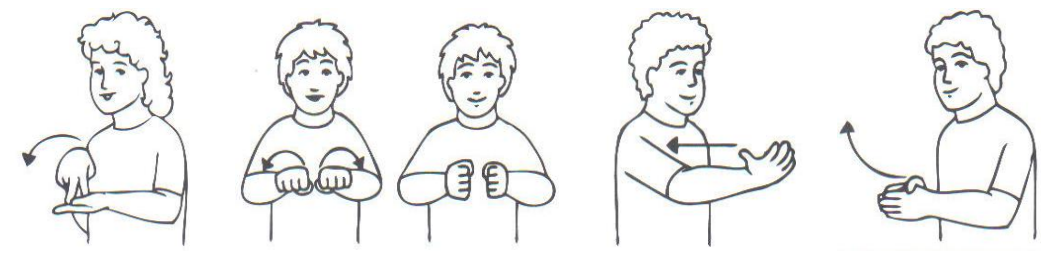
Perguntar

Pesquisar

Poder

Precisar

Procurar

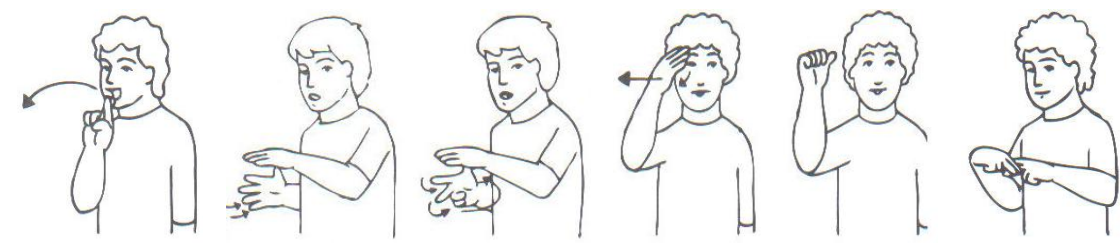


Pular

Quebrar

Querer

Aconselhar

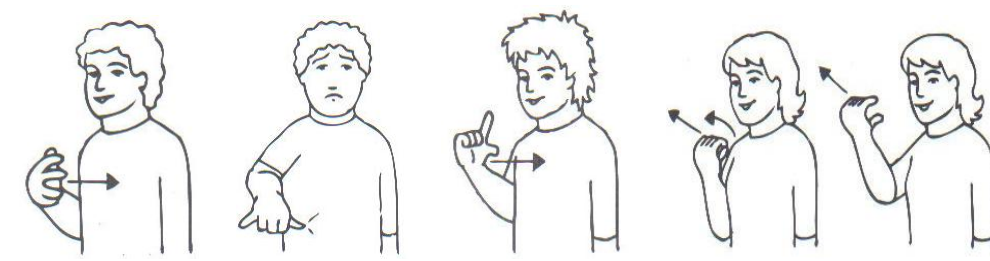


Responder

Roubar

Saber

Sentar

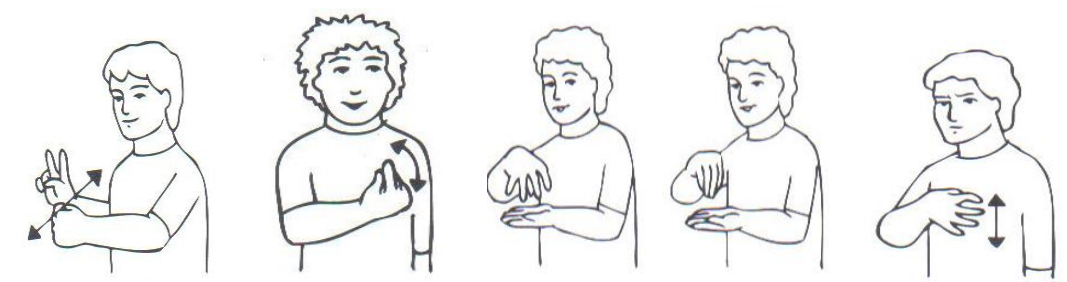


Sentir

Sofrer

Ter

Viajar



Vigiar

Viver

Xerocar

Zangar

Referências

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. 22 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. 24 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue**: e língua brasileira de sinais português/inglês/libras. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua brasileira de Sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUITES, Tatiana P. Pimenta. **Estudo básico da gramática da libras**: centro de capacitação de profissionais e de educação às pessoas com surdez. Belo Horizonte 2007.

PLANK, D. **Desenvolvendo competências para atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Felipe, Tânia A. **Libras em contexto: curso básico: Livro do professor**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 2005

Felipe, Tânia A. **Libras em contexto: curso básico: Livro do estudante**. Brasília, Ministério da Educação. 2005.

HONORA, M.; FRIZANCO, E.; LOPES, M. **Livro Ilustrativo da Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Ciranda Cultura, 2009.